PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Machado de Assis

O alienista

FICÇÃO

O alienista

MACHADO DE ASSIS nasceu em 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, nos arredores do centro do Rio de Janeiro. Seu pai, Francisco José de Assis, era "pardo" e neto de escravos; sua mãe, Maria Leopoldina Machado, era açoriana. Ainda criança, perdeu a mãe e uma irmã, e, mais tarde, o pai. Foi criado pela madrasta e cedo mostrou inclinação para as letras.

Publicou a sua primeira poesia pouco antes de completar quinze anos, no *Periódico dos Pobres*. Em 1855 passou a colaborar na *Marmota Fluminense*, editada pelo livreiro Francisco de Paula Brito, para quem Machado trabalhou como revisor e caixeiro. Em 1856 entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, onde conheceu o romancista Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Passou então a colaborar em diversos jornais e revistas.

Lançou seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*, em 1864. *Contos fluminenses*, sua primeira coletânea de histórias curtas, saiu em 1870. Dois anos depois, veio a lume o primeiro romance, *Ressurreição*. Ao longo da década de 1870, publicaria mais três: *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*. Seu primeiro grande romance, no entanto, foi *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, marco da maturidade do escritor. Depois disso, publicou ainda outros quatro: *Quincas Borba*, em 1891; *Dom Casmurro*, em 1899; *Esaú e Jacó*, em 1904; e *Memorial de Aires*, em 1908. *Papéis avulsos*, de 1882, foi sua primeira coletânea de contos dessa nova fase.

Em dezembro de 1881, com "Teoria do medalhão", começou a colaborar na *Gazeta de Notícias*. Ao longo de dezesseis anos, até 1897, escreveria para esse jornal mais de quatrocentas crônicas. Além disso, escreveu ainda peças de teatro e páginas de crítica.

Em 1897, foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, instituição que ajudara a fundar no ano anterior. Em 1904, tornou-se membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Morreu em 29 de setembro de 1908, aos 69 anos de idade.

É considerado o maior escritor da literatura brasileira.

JOHN GLEDSON nasceu em Beadnell, Northumberland, Inglaterra, em 1945. Doutor pela Universidade de Princeton, é professor aposentado de estudos brasileiros na Universidade de Liverpool. Publicou três livros sobre Machado de Assis no Brasil: *Machado de Assis: ficção e história* (Paz e Terra, 1986), *Machado de Assis: impostura e realismo* (Companhia das Letras, 2005) e *Por um novo Machado de Assis* (Companhia das Letras, 2006). Editou três volumes de crônicas e duas antologias de contos do mesmo autor, sendo a mais recente *50 contos de Machado de Assis* (Companhia das Letras, 2007). Traduziu diversos livros do português para o inglês, entre eles *Dom Casmurro* e o livro de contos *A Chapter of Hats and Other Stories*, de Machado de Assis; *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum; *Um mestre na periferia do capitalismo*, de Roberto Schwarz; e o roteiro do filme *Central do Brasil*.

HÉLIO GUIMARÃES é professor de literatura brasileira na USP e pesquisador do CNPq. Autor de *Os leitores e Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século* XIX (Nankin/ Edusp, 2004) e coautor de *A olhos vistos*: *uma iconografia de Machado de Assis* (Instituto Moreira Salles, 2008), entre outros. Colabora em diversas revistas acadêmicas, como *Estudos Avançados*, *Revista* USP, *Novos Estudos Cebrap* e *Luso-Brazilian Review*.

Machado de Assis
O alienista

Introdução de
JOHN GLEDSON

Notas de
HÉLIO GUIMARÃES

PENGUIN
COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Introdução — John Gledson

O ALIENISTA

Nota [*de Machado de Assis*]
Cronologia
Outras leituras

Introdução

JOHN GLEDSON

"O alienista" é um dos textos centrais de Machado de Assis, além de ser um dos mais divertidos. É uma chave da sua obra. Foi escrito em 1881 e publicado em onze episódios, entre outubro desse ano e março do ano seguinte. No fim de 1882, apareceu de novo, como conto introdutório de *Papéis avulsos*, acompanhado de outros textos mais curtos, alguns deles também dos mais célebres que Machado escreveu — "Teoria do medalhão" e "O espelho", por exemplo. É muito engraçado, cheio de personagens cômicos, de episódios e frases memoráveis; mas é também uma obra-prima bastante esquiva, difícil de categorizar — será mesmo um conto? —, tão difícil talvez como o personagem central, Simão Bacamarte, o alienista, o cientista louco que acaba tomando a si mesmo como louco, fechando-se no seu próprio manicômio até implodir, dezessete meses mais tarde.

"O alienista" é produto da mesma crise, e do correspondente surto criativo, que produziu as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicadas em forma de livro no começo de 1881, nove meses antes do nosso conto. Como sabemos, Machado, adoentado, teve que pedir licença do seu posto no Ministério da Agricultura no fim de 1878, e foi convalescer em Nova Friburgo durante três meses, quando teria ditado alguns capítulos de *Memórias póstumas* à sua mulher.

Essa crise tem raízes profundas. Ao longo da década anterior, nos seus romances, contos, poesias e crônicas, Machado tinha se aproximado do seu objetivo fundamental: escrever obras de ficção que fossem a um só tempo brasileiras e universais. Ou melhor, que exemplificassem a universalidade da peculiar experiência brasileira. Não podemos duvidar de que esse fim era consciente. É só citar as palavras célebres do ensaio "Instinto de nacionalidade", publicado em 1873: "O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, *ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço*" (grifos meus). Este último adjetivo reaparece, curiosamente, na primeira frase de "O alienista": "As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos *remotos* vivera ali um certo médico…".

Não era um patriotismo simples; de fato, quase o avesso de qualquer ufanismo. No título de um famoso ensaio sobre *Memórias póstumas*, Roberto Schwarz o resumiu em quatro adjetivos: "Complexo, moderno, nacional e negativo".1 Por isso mesmo, em boa parte pelo negativismo, que se abria aos aspectos mais

constrangedores da história e da sociedade brasileiras, superava o nacionalismo romântico da geração de José de Alencar (que acabara de morrer, no fim de 1877). Também, naturalmente, era bastante arriscado, o que pode ajudar a explicar a crise do final da década de 1870.

Ao longo daquela década, as pressões cresciam. O Brasil mudava, e o escritor tinha que se adequar aos novos tempos. Isso, em muitos níveis. "O alienista" foi publicado pela primeira vez numa revista que em si mesma falava de um mundo em mutação. *A Estação* era uma revista de senhoras: na verdade, era uma reprodução traduzida de uma revista alemã, *Die Modenwelt* ("O mundo da moda"), veiculada em várias línguas.[2] Dava conselhos sobre as últimas novidades, notícias da política e cultura europeias. Até, timidamente, apoiava um certo feminismo. Durante duas décadas, Machado seria a figura-chefe do seu suplemento literário brasileiro, e a ficção sofisticada que lá publicou forma notável contraste com suas contribuições para o *Jornal das Famílias*, para o qual Machado escrevera muitos dos seus contos mais ingênuos e menos bons, e com o qual colaborara até 1878.

Estabelecera-se um novo padrão nas relações de Machado com a imprensa. No mesmo momento em que saía "O alienista" (dezembro de 1881), ele publicou "Teoria do medalhão" na *Gazeta de Notícias*, começo de uma colaboração igualmente extensa e também importantíssima. A *Gazeta* era um novo tipo de jornal, o primeiro a ser vendido avulso na rua, e veio a ser o mais popular e o mais respeitado do Rio de Janeiro. O dono era José Ferreira de Araújo, grande amigo de Machado, e saiu em agosto de 1875, pouco mais de um ano depois da chegada do primeiro cabo submarino que conectou a Europa ao Brasil. Agora, as notícias que antes tardavam semanas para chegar do velho continente levavam minutos — uma espécie de globalização, de consequências profundas.

Vemos, portanto, que, em termos dos órgãos em que publicava, Machado superava a crise; cavalgava, por assim dizer, os ventos da mudança. Outro aspecto dos novos tempos, porém, inspirava nele um ceticismo intenso e permanente. Falo do chamado "bando de ideias novas" que entrava no Brasil, mais ou menos desde 1870. Alguns desses sistemas filosóficos, que pretendiam mapear e explicar a história, e muitas vezes pregavam um progresso permanente e inevitável — o positivismo de Auguste Comte, por exemplo —, tiveram um efeito enorme sobre os intelectuais brasileiros, alguns dos quais viraram verdadeiros sequazes desses pensadores europeus. Claro que Machado não ignorava a importância das novas ideias — "releiam os moços o seu Spencer e seu Darwin", como disse no ensaio "A nova geração", de 1879 —, mas ficava com o pé atrás. "O alienista", com seu cientista louco, as suas ambições e teorias desvairadas, suas categorias absurdas ("amor das pedras", "mania sumptuária" etc.), é sem dúvida uma sátira a esses sistemas, como o Humanitismo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*.

Nesse mundo que se modernizava a todo vapor, "O alienista" retrocede. Situa-se nos mencionados "tempos remotos" — na verdade, no fim do período colonial do Brasil. As *Memórias póstumas* também recuam, para o Brasil de antes de 1850, num mundo bem mais atrasado, quando o comércio transatlântico de escravos e a própria escravidão estavam no seu auge. Em 1880, por contraste, o movimento abolicionista, que tomou forma no ano anterior, já era uma força considerável. Refugiar-se no

passado constituiria uma estratégia de recuar para melhor avançar? Vejamos.

"O alienista" não só volta no tempo, mas também no espaço: provincianiza-se, indo para a cidade de Itaguaí, setenta quilômetros a oeste do Rio de Janeiro. Alguns dos contos de *Papéis avulsos* têm um cenário distante e meio abstrato — a arca de Noé, o reino de Bungo, a roça de "O espelho". Será que Machado queria investir suas histórias de um pouco da aura do mito, ou de uma parábola bíblica? No caso de "O alienista", é fácil pensar em possíveis modelos — a torre de Babel, talvez, o mito de Prometeu, ou mesmo a história de Fausto. Bacamarte quer atingir um conhecimento além dos nossos limites humanos, objetivo que só pode acabar em castigo e morte.

Mas, já ao formular essa ideia, sentimos que é um exagero — o tom, e até a estrutura do conto, não apresenta nada de mito. Os personagens estão longe de ter essa dimensão, começando pelo próprio Bacamarte, que nem ostenta a dignidade meio absurda de Dom Quixote, por mais que seja comparado a ele (no fim do cap. III). O prazer de ler "O alienista" é bastante diferente. Parte dele consiste no que podemos chamar as suas "vinhetas", pequenos episódios em que encontramos os seres humanos nos seus aspectos mais triviais e cômicos — o vereador Sebastião Freitas, que muda de partido por amor a uma frase ("a Bastilha da razão humana"), ou D. Evarista, inteiramente incapaz de escolher entre um colar de safira e outro de granada, para ficarmos em apenas dois exemplos. São pessoas inócuas, como aliás é o caso de quase todos os inquilinos da Casa Verde: o Costa, que se desfaz do seu dinheiro sem motivo aparente; a prima deste, com sua crença supersticiosa nos funestos efeitos do "sino salomão"; Mateus, o albardeiro, embasbacado diante da sua casa nova; Martim Brito, que gosta de hipérboles literárias ("o dragão aspérrimo do Nada"). Alguns são desafetos pessoais de Machado. Coelho, o "*seccatore*" (maçante), é o "homem no ônibus" — ou no bonde, no caso —, que se acha com o direito de submeter o vizinho aos seus monólogos, "preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas não desdenhando os outros" (ou seja, os que sofrem em silêncio). Nem todas as falhas levam à Casa Verde: a mania de Crispim Soares de ecoar, com ênfase, as palavras do alienista; o nepotismo do mesmo sujeito ("aceitando essa ideia ao boticário Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos"); ou a vaidade simples de D. Evarista, que considera as "ideias" de Martim Brito "tão bonitas", já que o poeta acha que "Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista"!

Em sua maioria, são casos simples de bajulação, de vaidade ou de obsessão. Nos termos de Jacobina, o narrador-protagonista de "O espelho", seus deslizes são sua "alma exterior": "Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos". Todos somados, não levam a nenhuma conclusão de monta, ainda menos a uma teoria da loucura, ou da natureza humana. Não são pecados, nem sequer lapsos morais: não chegam a entrar em nenhuma categoria moral. No primeiro capítulo do conto, há um exemplo maravilhoso, que poderíamos tomar como modelo para todos. Um tio de Simão, diz-se, é "caçador de pacas perante o Eterno", palavras que ecoam a descrição bíblica (Gênesis 10,9) do rei Nimrod, "poderoso caçador perante o Eterno". Existe uma vasta distância entre esses seres humanos e qualquer tipo de transcendência ou significado maior.

Há outro paralelo iluminador entre nosso conto e "O espelho". Quando Jacobina,

depois de dias de solidão na fazenda da tia, se olha no espelho, dá-se conta de que sumiu: "[o vidro] não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra". Quando Simão, fascinado pela própria perfeição, fecha-se na Casa Verde e se dedica "ao estudo e à cura de si mesmo", encara o tal espaço vazio vislumbrado por Jacobina. Surpreende pouco que morra, ainda que leve dezessete meses. "O alienista" pode parecer uma sucessão de tais momentos mais ou menos triviais, que termina numa nota de ceticismo total, com o sumiço de Bacamarte — paródia dos sistemas aos quais Machado estava longe de aderir.

Será que podemos dizer que "O alienista" é isto: um conjunto de episódios divertidos, mas, afinal, desolador, para parafrasear as palavras de Roberto Schwarz acerca das *Memórias póstumas*? Em boa parte, sim. Mas vale a pena explorar outra possibilidade, um nível de sentido por assim dizer intermediário, um pouco acima do "dragão aspérrimo do Nada".

Que tempo habita o conto? Se não é um tempo mítico, é algum tipo de história? Estamos no Brasil Colônia, com seus vice-reis: antes, portanto, da chegada da família real e da abertura dos portos, em 1808. Estamos nos últimos anos do regime colonial, depois da queda da Bastilha (1789), o evento-símbolo da Revolução Francesa e, em algum sentido, o evento fundador da Idade Moderna. O processo da revolução dá uma forma ao processo político — uma forma cheia de ironias, é evidente, mas que fornece uma espécie de estrutura ao conto, por efêmera que seja. Além da queda da Bastilha, temos um "Terror" (como no "ano terrível" da tirania jacobina em 1793), e uma consequente "emigração" (cap. V), e até uma "Restauração" (cap. X), como em 1815, quando a família real francesa voltou ao poder.

Esse padrão é mesmo efêmero, porém. Ele compartilha o cenário, por exemplo, com a revolução inglesa. O barbeiro Porfírio, no momento de tomar o poder, chama a si mesmo, como Oliver Cromwell, de "Protetor". O essencial, claro, é que esses modelos são todos de segunda mão, meras palavras (como no caso mais óbvio, o da Bastilha). Nesse mundo colonial, todo significado histórico vem de fora, da metrópole, e nada, o processo revolucionário inclusive, tem lógica interna, "independente". Vê-se no auge da "revolta dos Canjicas": nesse "momento-Bastilha", surge (de onde?) um corpo de dragões (a cavalaria). E não é só: para complicar a questão ainda mais, um terço deles decide apoiar os rebeldes (por que motivo? — "as crônicas não o declaram"). Parece ópera-cômica; o que não quer dizer que não traga ecos reconhecíveis, até na atualidade. Numa crônica de 1878, Machado já dissera: "tem barreiras a filosofia; a ciência política acha um limite na testa do capanga". Não há resposta teórica à força bruta.

Em certo sentido, passamos "além do espelho" (o de Jacobina chegou ao Brasil com a corte de Dom João VI, em 1808). Este é um mundo mais *colonial* do que simplesmente atrasado (ou abstrato): um mundo em que as fontes do poder, e mesmo do sentido, encontram-se "fora".

Vamos terminar numa nota especulativa — e divertida. Na primeira versão do nosso conto, publicada, como dissemos, n'*A Estação*, depois do fim do texto como apareceu mais tarde no livro *Papéis avulsos*, vieram as seguintes palavras:

> [… muita pompa e rara solenidade.] O cadáver foi sepultado na capela da Casa Verde,

> infelizmente sem epitáfio. Em 1817, desapareceram os ossos, e segundo as mais prováveis induções, foram roubados e transportados para Santiago do Chile, cuja academia supõe que são os restos de um cozinheiro do ilustre Pizarro. *Alas! poor Yorick! — Sic transit gloria mundi.*[3]

(Yorick, é bom assinalar, era o bobo da corte dinamarquesa de *Hamlet*.)

Há vários desses momentos estranhos nos contos incluídos em *Papéis avulsos*. Alguns sobreviveram no livro, outros não. É como se o surto criativo desse momento central transbordasse, chegando até ao absurdo, ao nonsense. Haverá uma dimensão sul-americana (excepcional na obra de Machado, se não me engano) nesta fábula, e que remonta aos primórdios da colonização do continente? Em conferência proferida em 1989, Raymundo Faoro especulou que o nome de Simão Bacamarte talvez tenha ecos do de Simón Bolívar, o grande libertador. Ecos irônicos, novamente — não falamos de Pizarro, mas do seu cozinheiro —, mas bem sugestivos. Os "tempos remotos" falam de um Brasil antes do Brasil; mas de que foram imaginados por "um homem do seu tempo e do seu país", não podemos duvidar.

O autor da introdução agradece muito a Hélio Guimarães, Cristina Carletti e Ana Cláudia Suriani a leitura e os ajustes de seu texto.

---

1 Título de um ensaio apresentado em *Que horas são?* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 115-25).

2 Ver, por exemplo, Ana Cláudia Suriani da Silva, "Moda e literatura: O caso da revista *A Estação*". *IARA — Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo, v. 2, n. 1, pp. 1-26, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.iararevista.sp.senac.br/index.php?varURL=conteudo.php?varId=52&varEdicao=3>. Acesso em: 1 abr. 2014.

3 *A Estação*, 15 mar. 1882. Arquivo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.hemerotecadigital.bn.br/>. Acesso em: 1 abr. 2014.

O alienista

I. De como Itaguaí ganhou uma Casa de Orates[1]

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.[2] Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno,[3] e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável, mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte

compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

— A saúde da alma, bradou ele, é a ocupação mais digna do médico.

— Do verdadeiro médico, emendou Crispim Soares, boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais.

A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus. A ideia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma um sintoma de demência, e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico.

— Olhe, D. Evarista, disse-lhe o padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo.

D. Evarista ficou aterrada, foi ter com o marido, disse-lhe "que estava com desejos", um principalmente, o de vir ao Rio de Janeiro e comer tudo o que a ele lhe parecesse adequado a certo fim. Mas aquele grande homem, com a rara sagacidade que o distinguia, penetrou a intenção da esposa e redarguiu-lhe sorrindo que não tivesse medo. Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itaguaí. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário pagaria dois tostões à câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última bênção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil.

— Os cálculos não são precisos, disse ele, porque o Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranjou tudo. Uma vez empossado da licença começou logo a construir a casa. Era na rua Nova, a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo, tinha cinquenta janelas por lado, um pátio no centro, e numerosos cubículos para os hóspedes. Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá[4] lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o

pensamento a Benedito VIII,[5] merecendo com essa fraude, aliás pia, que o padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente.

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestira-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e sedas. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a louvavam; porquanto, — e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, — porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre, e, se lhe tinham inveja, era a santa e nobre inveja dos admiradores.

Ao cabo de sete dias expiraram as festas públicas; Itaguaí tinha finalmente uma casa de Orates.

---

1 Palavra de origem espanhola, "orates" quer dizer indivíduo louco, sem juízo, tresloucado, doido, idiota. A Casa de Orates refere-se, portanto, a um manicômio: a Casa Verde.

2 Referência às universidades localizadas na cidade portuguesa e na italiana, muito prestigiosas e frequentadas por filhos da elite do Brasil de então.

3 A expressão "poderoso caçador perante o Eterno" está no livro do Gênesis (10,9) e se refere ao personagem bíblico Nimrod, um governante poderoso e megalômano.

4 Aqui começa uma série de referências (arabista, Corão, Maomé, Alá) aos conhecimentos da cultura árabe de Simão Bacamarte, incluindo seu interesse pelos antigos tratados de medicina e também pelo Corão, o livro sagrado da religião islâmica.

5 Benedito VIII foi papa entre 1012 e 1024. De origem nobre, notabilizou-se por suas campanhas militares, tendo como principal aliado Henrique II, imperador da Alemanha. Restaurou o poder papal em várias regiões, defendeu o norte da Itália contra a invasão dos sarracenos e colaborou com os normandos em suas investidas contra forças de Bizâncio. Adotou medidas para forçar o celibato do clero e proibiu a venda de cargos eclesiásticos.

II. Torrente de loucos

Três dias depois, numa expansão íntima com o boticário Crispim Soares, desvendou o alienista o mistério do seu coração.

— A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos coríntios: "Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada".[6] O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.

— Um excelente serviço, corrigiu o boticário.

— Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.

— Muito maior, acrescentou o outro.

E tinham razão. De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. Ao cabo de quatro meses, a Casa Verde era uma povoação. Não bastaram os primeiros cubículos; mandou-se anexar uma galeria de mais trinta e sete. O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doidos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos. Um, por exemplo, um rapaz bronco e vilão, que todos os dias, depois do almoço, fazia regularmente um discurso acadêmico, ornado de tropos, de antíteses, de apóstrofes, com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano.[7] O vigário não queria acabar de crer. Quê! um rapaz que ele vira, três meses antes, jogando peteca na rua!

— Não digo que não, respondia-lhe o alienista; mas a verdade é o que Vossa Reverendíssima está vendo. Isto é todos os dias.

— Quanto a mim, tornou o vigário, só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura;[8] provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe…

— Essa pode ser, com efeito, a explicação divina do fenômeno, concordou o alienista, depois de refletir um instante, mas não é impossível que haja também alguma razão humana, e puramente científica, e disso trato…

— Vá que seja, e fico ansioso. Realmente!

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. O primeiro, um Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela-d'alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas esquecidas a perguntar se o sol já tinha saído para ele recolher-se. O outro andava sempre, sempre, sempre, à roda das salas ou do pátio, ao longo dos corredores, à procura do fim do mundo. Era um desgraçado, a quem a mulher deixou por seguir um peralvilho. Mal descobrira a fuga, armou-se de uma garrucha, e saiu-lhes no encalço; achou-os duas horas depois, ao pé de uma lagoa, matou-os a ambos com os maiores requintes de crueldade. O ciúme satisfez-se, mas o vingado estava louco. E então começou aquela ânsia de ir ao fim do mundo à cata dos fugitivos.

A mania das grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre-diabo, filho de um algibebe, que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta:

— Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.[9]

Dava uma pancada na testa, um estalo com os dedos, e repetia cinco, seis vezes seguidas:

— Deus engendrou um ovo, o ovo, etc.

Outro da mesma espécie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei; outro era um boiadeiro de Minas, cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente, dava trezentas cabeças a um, seiscentas a outro, mil e duzentas a outro, e não acabava mais. Não falo dos casos de monomania religiosa; apenas citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o deus João, e prometia o reino dos céus a quem o adorasse, e as penas do inferno aos outros; e depois desse, o licenciado Garcia, que não dizia nada, porque imaginava que no dia em que chegasse a proferir uma só palavra, todas as estrelas se despegariam do céu e abrasariam a terra; tal era o poder que recebera de Deus. Assim o escrevia ele no papel que o alienista lhe mandava dar, menos por caridade do que por interesse científico.

Que, na verdade, a paciência do alienista era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa. Simão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e, aceitando essa ideia ao boticário Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu, aprovado pela câmara, da distribuição da comida e da roupa, e assim também na escrita, etc. Era o melhor que podia fazer, para somente cuidar do seu ofício. — A Casa Verde, disse ele ao vigário, é agora uma espécie de mundo, em que há o governo temporal e o governo *espiritual*. E o padre Lopes ria deste pio trocado, — e acrescentava, — com o único fim de dizer também uma chalaça: — Deixe estar, deixe estar, que hei de mandá-lo denunciar ao papa.

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as

tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. Ao mesmo tempo estudava o melhor regime, as substâncias medicamentosas, os meios curativos e os meios paliativos, não só os que vinham nos seus amados árabes, como os que ele mesmo descobria, à força de sagacidade e paciência. Ora, todo esse trabalho levava-lhe o melhor e o mais do tempo. Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista.

---

6 A frase é uma simplificação daquela que está na primeira epístola de São Paulo aos coríntios (13,2).

7 Três dos maiores oradores da Antiguidade: Marco Túlio Cícero, que viveu no século I a.C., Apuleio, que viveu no século II d.C., e Tertuliano, que viveu nos séculos II e III d.C.

8 Segundo a Bíblia (Gênesis 11,1-9), a torre de Babel é uma edificação gigantesca construída pelos descendentes de Noé, a fim de alcançar o céu e evitar os estragos produzidos por um novo dilúvio. Como punição a esta intenção, Deus destruiu a torre e confundiu as línguas dos homens.

9 O trecho parodia o modo como é apresentada a genealogia de Sem, filho de Noé, no Gênesis (11,10-32): "Sem, com a idade de cem anos, gerou Arfaxad, dois anos depois do dilúvio./ Depois do Nascimento de Arfaxad, Sem viveu ainda quinhentos anos, e gerou filhos e filhas./ Arfaxad, com a idade de trinta e cinco anos, gerou Salé".

III. Deus sabe o que faz!

A ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche,* porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

— Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos…

Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, — os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, — negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento. Não dizem as crônicas se D. Evarista brandiu aquela arma com o perverso intuito de degolar de uma vez a ciência, ou, pelo menos, decepar-lhe as mãos; mas a conjetura é verossímil. Em todo caso, o alienista não lhe atribuiu outra intenção. E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. Talvez um sorriso lhe descerrou os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do *Cântico*:[10]

— Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro.

D. Evarista sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca dos nuncas vira o Rio de Janeiro, que posto não fosse sequer uma pálida sombra do que hoje é, todavia era alguma coisa mais do que Itaguaí. Ver o Rio de Janeiro, para ela, equivalia ao sonho do hebreu cativo.[11] Agora, principalmente, que o marido assentara de vez naquela povoação interior, agora é que ela perdera as últimas esperanças de respirar os ares da nossa boa cidade; e justamente agora é que ele a convidava a realizar os seus desejos de menina e moça. D. Evarista não pôde dissimular o gosto de semelhante proposta. Simão Bacamarte pegou-lhe na mão e sorriu, — um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento: — "Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que a não amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se". E porque era homem estudioso tomou nota da observação.

Mas um dardo atravessou o coração de D. Evarista. Conteve-se, entretanto; limitou-se a dizer ao marido, que, se ele não ia, ela não iria também, porque não havia de meter-se sozinha pelas estradas.

— Irá com sua tia, redarguiu o alienista.

Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não quisera pedi-lo nem insinuá-lo, em primeiro lugar porque seria impor grandes despesas ao marido, em segundo lugar porque era melhor, mais metódico e racional que a proposta viesse dele.

— Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar! suspirou D. Evarista sem convicção.

— Que importa? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver?

E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro. Deus! eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era a opulência. Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido com a mais pérfida das alusões:

— Quem diria que meia dúzia de lunáticos…

D. Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação:

— Deus sabe o que faz!

Três meses depois efetuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticário, um sobrinho deste, um padre que o alienista conhecera em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguaí, cinco ou seis pajens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu dali sair em certa manhã do mês de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo.

— Adeus! soluçaram enfim as damas e o boticário.

E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras.[12]

---

* Ver nota do autor.

10 O Cântico dos Cânticos é um dos livros do Antigo Testamento, cuja autoria é atribuída a Salomão (século XI a.C.). Trata-se de um livro de celebração do amor, com forte carga erótica, no qual se faz a comparação entre o nome dos amantes e os bálsamos e óleos perfumados.

11 Os hebreus exilados e cativos na Babilônia sonhavam com a volta à terra prometida, como se lê no livro do Êxodo.

12 Há nessa cena e nas oposições criadas entre o farmacêutico e o alienista uma clara alusão a *Dom Quixote*, de Cervantes, com Crispim Soares na posição de Sancho e Simão Bacamarte na

de Dom Quixote.

IV. Uma teoria nova

Ao passo que D. Evarista, em lágrimas, vinha buscando o Rio de Janeiro, Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos.

Um dia de manhã, — eram passadas três semanas, — estando Crispim Soares ocupado em temperar um medicamento, vieram dizer-lhe que o alienista o mandava chamar.

— Trata-se de negócio importante, segundo ele me disse, acrescentou o portador.

Crispim empalideceu. Que negócio importante podia ser, se não alguma triste notícia da comitiva, e especialmente da mulher? Porque este tópico deve ficar claramente definido, visto insistirem nele os cronistas: Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia. Assim se explicam os monólogos que ele fazia agora, e que os fâmulos lhe ouviam muita vez: — "Anda, bem feito, quem te mandou consentir na viagem de Cesária? Bajulador, torpe bajulador! Só para adular ao Dr. Bacamarte. Pois agora aguenta-te; anda, aguenta-te, alma de lacaio, fracalhão, vil, miserável. Dizes *amen* a tudo, não é? aí tens o lucro, biltre!" — E muitos outros nomes feios, que um homem não deve dizer aos outros, quanto mais a si mesmo. Daqui a imaginar o efeito do recado é um nada. Tão depressa ele o recebeu como abriu mão das drogas e voou à Casa Verde.

Simão Bacamarte recebeu-o com a alegria própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspecção até o pescoço.

— Estou muito contente, disse ele.

— Notícias do nosso povo? perguntou o boticário com a voz trêmula.

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu:

— Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.

Disse isto, e calou-se, para ruminar o pasmo do boticário. Depois explicou compridamente a sua ideia. No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí; mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí, e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres. Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc.,[13] uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. E porque o boticário se admirasse de uma tal promiscuidade, o alienista disse-lhe que era tudo a mesma coisa, e até acrescentou sentenciosamente:

— A ferocidade, Sr. Soares, é o grotesco a sério.

— Gracioso, muito gracioso! exclamou Crispim Soares levantando as mãos ao céu.

Quanto à ideia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era "caso de matraca". Esta expressão não tem equivalente no estilo moderno. Naquele tempo, Itaguaí, que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da câmara e da matriz; — ou por meio de matraca. Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, — um remédio para sezões, umas terras lavradias, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano, etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores, — aquele justamente que mais se opusera à criação da Casa Verde, — desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas, tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade, verdade; nem todas as instituições do antigo regime, mereciam o desprezo do nosso século.

— Há melhor do que anunciar a minha ideia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do boticário.

E o boticário, não divergindo sensivelmente deste modo de ver, disse-lhe que sim, que era melhor começar pela execução.

— Sempre haverá tempo de a dar à matraca, concluiu ele.

Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse:

— Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia, e só insânia.

O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não

chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução.

— Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?

Sobre o lábio fino e discreto do alienista roçou a vaga sombra de uma intenção de riso, em que o desdém vinha casado à comiseração; mas nenhuma palavra saiu de suas egrégias entranhas. A ciência contentou-se em estender a mão à teologia, — com tal segurança, que a teologia não soube enfim se devia crer em si ou na outra. Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução.

---

13 O filósofo grego Sócrates (470-399 a.C.) falava com um *daimon*, espírito que o acompanhava, inspirando-o na procura e na expressão da verdade. O pensador francês Blaise Pascal (1623-1662) acreditava ver constantemente um abismo aberto a seu lado esquerdo, em virtude de um acidente sofrido na travessia de uma ponte que quase o atirou no rio Sena. O profeta Maomé (*c.* 570-632) tinha visões que dizia ser mensagens de Deus. O governador romano Caracala (211 a 217) foi um dos mais sanguinários da antiga Roma; ganhou fama de louco, tendo exilado a própria mulher e, posteriormente, mandado matá-la. O imperador Domiciano (81 a 96) ficou conhecido pela crueldade e pela ostentação, tendo estabelecido um reinado baseado no terror. O imperador romano Calígula (37 a 41) ficou célebre por sua crueldade, pelo afeto extravagante por suas irmãs e por, supostamente, ter nomeado seu cavalo cônsul.

V. O terror[14]

Quatro dias depois, a população de Itaguaí ouviu consternada a notícia de que um certo Costa fora recolhido à Casa Verde.

— Impossível!

— Qual impossível! foi recolhido hoje de manhã.

— Mas, na verdade, ele não merecia… Ainda em cima! depois de tanto que ele fez…

Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de el-rei D. João V,[15] dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver "até o fim do mundo". Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. Se a miséria viesse de chofre, o pasmo de Itaguaí seria enorme; mas veio devagar; ele foi passando da opulência à abastança, da abastança à mediania, da mediania à pobreza, da pobreza à miséria, gradualmente. Ao cabo daqueles cinco anos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que ele assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no ombro, com intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas. E o Costa sempre lhano, risonho. Nem se lhe dava de ver que os menos corteses eram justamente os que tinham ainda a dívida em aberto; ao contrário, parece que os agasalhava com maior prazer, e mais sublime resignação. Um dia, como um desses incuráveis devedores lhe atirasse uma chalaça grossa, e ele se risse dela, observou um desafeiçoado, com certa perfídia: — "Você suporta esse sujeito para ver se ele lhe paga". Costa não se deteve um minuto, foi ao devedor e perdoou-lhe a dívida. — "Não admira, retorquiu o outro; o Costa abriu mão de uma estrela, que está no céu." Costa era perspicaz, entendeu que ele negava todo o merecimento ao ato, atribuindo-lhe a intenção de rejeitar o que não vinham meter-lhe na algibeira. Era também pundonoroso e inventivo; duas horas depois achou um meio de provar que lhe não cabia um tal labéu: pegou de algumas dobras, e mandou-as de empréstimo ao devedor.

— Agora espero que… — pensou ele sem concluir a frase.

Esse último rasgo do Costa persuadiu a crédulos e incrédulos; ninguém mais pôs em dúvida os sentimentos cavalheirescos daquele digno cidadão. As necessidades mais acanhadas saíram à rua, vieram bater-lhe à porta, com os seus chinelos velhos, com as

suas capas remendadas. Um verme, entretanto, roía a alma do Costa: era o conceito do desafeto. Mas isso mesmo acabou; três meses depois veio este pedir-lhe uns cento e vinte cruzados com promessa de restituir-lhos daí a dois dias; era o resíduo da grande herança, mas era também uma nobre desforra: Costa emprestou o dinheiro logo, logo, e sem juros. Infelizmente não teve tempo de ser pago; cinco meses depois era recolhido à Casa Verde.

Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube do caso. Não se falou em outra coisa, dizia-se que o Costa ensandecera, ao almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os acessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis, — ou mansos, e até engraçados, conforme as versões. Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranquilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, que ele não podia deixar na rua um mentecapto. A última pessoa que intercedeu por ele (porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível médico) foi uma pobre senhora, prima do Costa. O alienista disse-lhe confidencialmente que esse digno homem não estava no perfeito equilíbrio das faculdades mentais, à vista do modo como dissipara os cabedais que…

— Isso, não! isso não! interrompeu a boa senhora com energia. Se ele gastou tão depressa o que recebeu, a culpa não é dele.

— Não?

— Não, senhor. Eu lhe digo como o negócio se passou. O defunto meu tio não era mau homem; mas quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao Santíssimo. Ora, um dia, pouco tempo antes de morrer, descobriu que um escravo lhe roubara um boi; imagine como ficou. A cara era um pimentão; todo ele tremia, a boca escumava; lembra-me como se fosse hoje. Então um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa, chegou-se a ele e pediu água. Meu tio (Deus lhe fale n'alma!) respondeu que fosse beber ao rio ou ao inferno. O homem olhou para ele, abriu a mão em ar de ameaça, e rogou esta praga: — "Todo o seu dinheiro não há de durar mais de sete anos e um dia, tão certo como isto ser o *sino salamão*!".[16] E mostrou o *sino salamão* impresso no braço. Foi isto, meu senhor; foi esta praga daquele maldito.

Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei, e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados.

A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras coisas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar.

— Você, que é íntimo dele, não nos podia dizer o que há, o que houve, que motivo…

Crispim Soares derretia-se todo. Esse interrogar da gente inquieta e curiosa, dos amigos atônitos, era para ele uma consagração pública. Não havia duvidar; toda a povoação sabia enfim que o privado do alienista era ele, Crispim, o boticário, o colaborador do grande homem e das grandes coisas; daí a corrida à botica. Tudo isso dizia o carão jucundo e o riso discreto do boticário, o riso e o silêncio, porque ele não respondia nada; um, dois, três monossílabos, quando muito, soltos, secos, encapados no fiel sorriso, constante e miúdo, cheio de mistérios científicos, que ele não podia, sem desdouro nem perigo, desvendar a nenhuma pessoa humana.

— Há coisa, pensavam os mais desconfiados.

Um desses limitou-se a pensá-lo, deu de ombros e foi embora. Tinha negócios pessoais. Acabava de construir uma casa suntuosa. Só a casa bastava para deter e chamar toda a gente; mas havia mais, — a mobília, que ele mandara vir da Hungria e da Holanda, segundo contava, e que se podia ver do lado de fora, porque as janelas viviam abertas, — e o jardim, que era uma obra-prima de arte e de gosto. Esse homem, que enriquecera no fabrico de albardas, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnífica, jardim pomposo, mobília rara. Não deixou o negócio das albardas, mas repousava dele na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguaí, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a da câmara. Entre a gente ilustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se falava, ou se louvava a casa do albardeiro, — um simples albardeiro, Deus do céu!

— Lá está ele embasbacado, diziam os transeuntes, de manhã.

De manhã, com efeito, era costume do Mateus estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora, até que vinham chamá-lo para almoçar. Os vizinhos, embora o cumprimentassem com certo respeito, riam-se por trás dele, que era um gosto. Um desses chegou a dizer que o Mateus seria muito mais econômico, e estaria riquíssimo, se fabricasse as albardas para si mesmo; epigrama ininteligível, mas que fazia rir às bandeiras despregadas.

— Agora lá está o Mateus a ser contemplado, diziam à tarde.

A razão deste outro dito era que, de tarde, quando as famílias saíam a passeio (jantavam cedo) usava o Mateus postar-se à janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo. Pode crer-se que a intenção do Mateus era ser admirado e invejado, posto que ele não a confessasse a nenhuma pessoa, nem ao boticário, nem ao padre Lopes, seus grandes amigos. E entretanto não foi outra a alegação do boticário, quando o alienista lhe disse que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras, mania que ele Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo. Aquilo de contemplar a casa…

— Não, senhor, acudiu vivamente Crispim Soares.

— Não?

— Há de perdoar-me, mas talvez não saiba que ele de manhã examina a obra, não a admira; de tarde, são os outros que o admiram a ele e à obra. — E contou o uso do albardeiro, todas as tardes, desde cedo até o cair da noite.

Uma volúpia científica alumiou os olhos de Simão Bacamarte. Ou ele não conhecia

todos os costumes do albardeiro, ou nada mais quis, interrogando o Crispim, do que confirmar alguma notícia incerta ou suspeita vaga. A explicação satisfê-lo; mas como tinha as alegrias próprias de um sábio, concentradas, nada viu o boticário que fizesse suspeitar uma intenção sinistra. Ao contrário, era de tarde, e o alienista pediu-lhe o braço para irem a passeio. Deus! era a primeira vez que Simão Bacamarte dava ao seu privado tamanha honra; Crispim ficou trêmulo, atarantado, disse que sim, que estava pronto. Chegaram duas ou três pessoas de fora, Crispim mandou-as mentalmente a todos os diabos; não só atrasavam o passeio, como podia acontecer que Bacamarte elegesse alguma delas, para acompanhá-lo, e o dispensasse a ele. Que impaciência! que aflição! Enfim, saíram. O alienista guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-o à janela, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as atitudes, a expressão do rosto. O pobre Mateus, apenas notou que era objeto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguaí, redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes… Triste! triste! não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à Casa Verde.

— A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica.

Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí, — a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, — duas ou três de consideração, — foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Sucediam-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico, plano secreto do Rio de Janeiro com o fim de destruir em Itaguaí qualquer gérmen de prosperidade que viesse a brotar, arvorecer, florir, com desdouro e míngua daquela cidade, mil outras explicações, que não explicavam nada, tal era o produto diário da imaginação pública.

Nisto chegou do Rio de Janeiro a esposa do alienista, a tia, a mulher do Crispim Soares, e toda a mais comitiva, — ou quase toda, — que algumas semanas antes partira de Itaguaí. O alienista foi recebê-la, com o boticário, o padre Lopes, os vereadores e vários outros magistrados. O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona, que caiu neles, e desmaiou. Curto incidente; ao cabo de dois minutos, D. Evarista recebia os cumprimentos dos amigos, e o préstito punha-se em marcha.

D. Evarista era a esperança de Itaguaí; contava-se com ela para minorar o flagelo da Casa Verde. Daí as aclamações públicas, a imensa gente que atulhava as ruas, as flâmulas, as flores e damascos às janelas. Com o braço apoiado no do padre Lopes, — porque o eminente Bacamarte confiara a mulher ao vigário, e acompanhava-os a passo meditativo, — D. Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante. O vigário indagava do Rio de Janeiro, que ele não vira desde o vice-reinado

anterior; e D. Evarista respondia, entusiasmada, que era a coisa mais bela que podia haver no mundo. O Passeio Público estava acabado, um paraíso, onde ela fora muitas vezes, e a rua das Belas Noites, o chafariz das Marrecas…[17] Ah! o chafariz das Marrecas! Eram mesmo marrecas, — feitas de metal e despejando água pela boca fora. Uma coisa galantíssima. O vigário dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. Se já o era noutro tempo! Não admira, maior do que Itaguaí, e de mais a mais sede do governo… Mas não se pode dizer que Itaguaí fosse feio; tinha belas casas, a casa do Mateus, a Casa Verde…

— A propósito de Casa Verde, disse o padre Lopes escorregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vem achá-la muito cheia de gente.

— Sim?

— É verdade. Lá está o Mateus…

— O albardeiro?

— O albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano, e Sicrano, e…

— Tudo isso doido?

— Ou quase doido, obtemperou o padre.

— Mas então?

O vigário derreou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe nada, ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que se não pode repetir a outra pessoa, por falta de texto. D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro, vá; mas todos? Entretanto, custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura.

— Sem dúvida… sem dúvida… ia pontuando o vigário.

Três horas depois, cerca de cinquenta convivas sentavam-se em volta da mesa de Simão Bacamarte; era o jantar das boas-vindas. D. Evarista foi o assunto obrigado dos brindes, discursos, versos de toda a casta, metáforas, amplificações, apólogos. Ela era a esposa do novo Hipócrates,[18] a musa da ciência, anjo, divina, aurora, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrelas, segundo a versão modesta de Crispim Soares, e dois sóis, no conceito de um vereador. O alienista ouvia essas coisas um tanto enfastiado, mas sem visível impaciência. Quando muito dizia ao ouvido da mulher, que a retórica permitia tais arrojos sem significação. D. Evarista fazia esforços para aderir a esta opinião do marido; mas, ainda descontando três quartas partes das louvaminhas, ficava muito com que enfunar-lhe a alma. Um dos oradores, por exemplo, Martim Brito, rapaz de vinte e cinco anos, pintalegrete acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos. "Deus, disse ele, depois de dar ao universo o homem e a mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da mesa), Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista."

D. Evarista baixou os olhos com exemplar modéstia. Duas senhoras, achando a cortesanice excessiva e audaciosa, interrogaram os olhos do dono da casa; e, na verdade, o gesto do alienista pareceu-lhes nublado de suspeitas, de ameaças, e, provavelmente, de sangue. O atrevimento foi grande, pensaram as duas damas. E uma e outra pediam a Deus que removesse qualquer episódio trágico, — ou que o adiasse, ao menos, para o dia seguinte. Sim, que o adiasse. Uma delas, a mais piedosa, chegou

a admitir, consigo mesma, que D. Evarista não merecia nenhuma desconfiança, tão longe estava de ser atraente ou bonita. Uma simples água-morna. Verdade é que, se todos os gostos fossem iguais, o que seria do amarelo? E esta ideia fê-la tremer outra vez, embora menos; menos, porque o alienista sorria agora para o Martim Brito, e, levantados todos, foi ter com ele e falou-lhe do discurso. Não lhe negou que era um improviso brilhante, cheio de rasgos magníficos. Seria dele mesmo a ideia relativa ao nascimento de D. Evarista, ou tê-la-ia encontrado em algum autor que…? Não, senhor; era dele mesmo; achou-a naquela ocasião e parecera-lhe adequada a um arroubo oratório. De resto, suas ideias eram antes arrojadas do que ternas ou jocosas. Dava para o épico. Uma vez, por exemplo, compôs uma ode à queda do marquês de Pombal,[19] em que dizia que esse ministro era o "dragão aspérrimo do Nada", esmagado pelas "garras vingadoras do Todo"; e assim outras, mais ou menos fora do comum; gostava das ideias sublimes e raras, das imagens grandes e nobres…

— Pobre moço! pensou o alienista. E continuou consigo: — Trata-se de um caso de lesão cerebral; fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo…

D. Evarista ficou estupefata quando soube, três dias depois, que o Martim Brito fora alojado na Casa Verde. Um moço que tinha ideias tão bonitas! As duas senhoras atribuíram o ato a ciúmes do alienista. Não podia ser outra coisa; realmente a declaração do moço fora audaciosa demais.

Ciúmes? Mas como explicar que, logo em seguida, fossem recolhidos José Borges do Couto Leme, pessoa estimável, o Chico das Cambraias, folgazão emérito, o escrivão Fabrício, e ainda outros? O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia, emigrava. Um desses fugitivos chegou a ser preso a duzentos passos da vila. Era um rapaz de trinta anos, amável, conversado, polido, tão polido que não cumprimentava alguém sem levar o chapéu ao chão; na rua, acontecia-lhe correr uma distância de dez a vinte braças para ir apertar a mão a um homem grave, a uma senhora, às vezes a um menino, como acontecera ao filho do juiz de fora. Tinha a vocação das cortesias. De resto, devia as boas relações da sociedade, não só aos dotes pessoais, que eram raros, como à nobre tenacidade com que nunca desanimava diante de uma, duas, quatro, seis recusas, caras feias, etc. O que acontecia era que, uma vez entrado numa casa, não a deixava mais, nem os da casa o deixavam a ele, tão gracioso era o Gil Bernardes. Pois o Gil Bernardes, apesar de se saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia, que o alienista o trazia de olho; na madrugada seguinte fugiu da vila, mas foi logo apanhado e conduzido à Casa Verde.

— Devemos acabar com isto!

— Não pode continuar!

— Abaixo a tirania!

— Déspota! violento! Golias![20]

Não eram gritos na rua, eram suspiros em casa, mas não tardava a hora dos gritos. O terror crescia; avizinhava-se a rebelião. A ideia de uma petição ao governo para que Simão Bacamarte fosse capturado e deportado, andou por algumas cabeças, antes que o barbeiro Porfírio a expendesse na loja, com grandes gestos de indignação. Note-se,

— e essa é uma das laudas mais puras desta sombria história, — note-se que o Porfírio, desde que a Casa Verde começara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela aplicação assídua de sanguessugas que dali lhe pediam; mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público. E acrescentava: — é preciso derrubar o tirano! Note-se mais que ele soltou esse grito justamente no dia em que Simão Bacamarte fizera recolher à Casa Verde um homem que trazia com ele uma demanda, o Coelho.

— Não me dirão em que é que o Coelho é doido? bradou o Porfírio.

E ninguém lhe respondia; todos repetiam que era um homem perfeitamente ajuizado. A mesma demanda que ele trazia com o barbeiro, acerca de uns chãos da vila, era filha da obscuridade de um alvará, e não da cobiça ou ódio. Um excelente caráter o Coelho. Os únicos desafeiçoados que tinha eram alguns sujeitos que, dizendo-se taciturnos, ou alegando andar com pressa, mal o viam de longe dobravam as esquinas, entravam nas lojas, etc. Na verdade, ele amava a boa palestra, a palestra comprida, gostada a sorvos largos, e assim é que nunca estava só, preferindo os que sabiam dizer duas palavras, mas não desdenhando os outros. O padre Lopes, que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho:

La bocca sollevò dal fiero pasto
Quel seccatore…[21]

mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim.

---

14 O que se dá em Itaguaí é comparado ao período da Revolução Francesa, que transcorreu de 5 de setembro de 1793 a 27 de julho de 1794, denominado Terror, e marcado pela perseguição a todos aqueles considerados inimigos da revolução, o que incluía nobres, padres e sonegadores, e pelas famosas execuções na guilhotina.

15 D. João V (1689-1750), rei de Portugal de 1707 a 1750. Seu reinado foi marcado pela opulência e pela tranquilidade, devidas principalmente à extração de ouro e diamante das minas do Brasil.

16 A figura, formada por dois triângulos entrelaçados em forma de estrela, assemelha-se à Estrela de Davi; na Antiguidade, foi usada por muçulmanos como talismã contra qualquer influência funesta. Sua origem é atribuída aos antigos persas, e o nome evoca o rei Salomão. Em português, também é designada pelas variantes "signo de Salomão", "signo-saimão", "signo-salmão" e "signo-salomão".

17 A antiga rua das Belas Noites, atual rua das Marrecas, ligava o Passeio Público ao Chafariz das Marrecas, feito pelo Mestre Valentim e inaugurado em 1785. O chafariz foi desmontado e retirado daquele local em 1896; parte dele pode ser vista no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

18 Simão Bacamarte é comparado ao mais famoso médico da Antiguidade, o grego Hipócrates, que viveu nos séculos V e IV a.C. e é considerado o pai da Medicina.

19 Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), o Marquês de Pombal, caiu em 1777, depois de quase três décadas à frente do governo de Portugal, num período marcado por

reformas modernizadoras.

20 Golias é o gigante filisteu que, durante o reinado de Saul, foi derrotado por Davi, segundo narra a Bíblia em Samuel (1,17), libertando Israel dos filisteus.

21 Os versos do capítulo 33 do *Inferno*, do poeta florentino Dante Alighieri (1265-1321), estão aqui adulterados, com a substituição de "*peccator*" por "*seccatore*". Assim, "A boca suspendeu do fero alimento/ Aquele pecador…" ficaria traduzido por "A boca suspendeu do fero alimento/ Aquele maçador…".

VI. A rebelião

Cerca de trinta pessoas ligaram-se ao barbeiro, redigiram e levaram uma representação à câmara. A câmara recusou aceitá-la, declarando que a Casa Verde era uma instituição pública, e que a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua.

— Voltai ao trabalho, concluiu o presidente, é o conselho que vos damos.

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião, e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis, algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos, ou supostos tais, não eram tratados de graça: as famílias, e em falta delas a câmara, pagavam ao alienista…

— É falso, interrompeu o presidente.

— Falso?

— Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico, em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos.

A notícia deste ato tão nobre, tão puro, suspendeu um pouco a alma dos rebeldes. Seguramente o alienista podia estar em erro, mas nenhum interesse alheio à ciência o instigava; e para demonstrar o erro era preciso alguma coisa mais do que arruaças e clamores. Isto disse o presidente, com aplauso de toda a câmara. O barbeiro, depois de alguns instantes de concentração, declarou que estava investido de um mandato público, e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde, — "essa Bastilha da razão humana",[22] — expressão que ouvira a um poeta local, e que ele repetiu com muita ênfase. Disse, e a um sinal todos saíram com ele.

Imagine-se a situação dos vereadores; urgia obstar ao ajuntamento, à rebelião, à luta, ao sangue. Para acrescentar ao mal, um dos vereadores, que apoiara o presidente, ouvindo agora a denominação dada pelo barbeiro à Casa Verde — "Bastilha da razão humana", — achou-a tão elegante, que mudou de parecer. Disse que entendia de bom aviso decretar alguma medida que reduzisse a Casa Verde; e porque o presidente, indignado, manifestasse em termos enérgicos o seu pasmo, o vereador fez esta reflexão:

— Nada tenho que ver com a ciência; mas se tantos homens em quem supomos juízo são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista?

Sebastião Freitas, o vereador dissidente, tinha o dom da palavra e falou ainda por algum tempo com prudência, mas com firmeza. Os colegas estavam atônitos; o presidente pediu-lhe que, ao menos, desse o exemplo da ordem e do respeito à lei, não aventasse as suas ideias na rua, para não dar corpo e alma à rebelião, que era por ora um turbilhão de átomos dispersos. Esta figura corrigiu um pouco o efeito da outra: Sebastião Freitas prometeu suspender qualquer ação, reservando-se o direito de pedir pelos meios legais a redução da Casa Verde. E repetia consigo, namorado: — Bastilha da razão humana!

Entretanto, a arruaça crescia. Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro, cuja alcunha familiar deve ser mencionada, porque ela deu o nome à revolta; chamavam-lhe o Canjica, — e o movimento ficou célebre com o nome de revolta dos Canjicas. A ação podia ser restrita, — visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, — dada a diferença de Paris a Itaguaí, — podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse; veio dar-lha uma de suas crias. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda, — um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro, — e não quis crer.

— Há de ser alguma patuscada, dizia ela mudando a posição de um alfinete. Benedita, vê se a barra está boa.

— Está, sinhá, respondia a mucama de cócoras no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim. Está muito boa.

— Não é patuscada, não, senhora; eles estão gritando: — Morra o Dr. Bacamarte! o tirano! dizia o moleque assustado.

— Cala a boca, tolo! Benedita, olha aí do lado esquerdo; não parece que a costura está um pouco enviesada? A risca azul não segue até abaixo; está muito feio assim; é preciso descoser para ficar igualzinho e…

— Morra o Dr. Bacamarte! morra o tirano! uivaram fora trezentas vozes. Era a rebelião que desembocava na rua Nova.

D. Evarista ficou sem pinga de sangue. No primeiro instante não deu um passo, não fez um gesto; o terror petrificou-a. A mucama correu instintivamente para a porta do fundo. Quanto ao moleque, a quem D. Evarista não dera crédito, teve um instante de triunfo, um certo movimento súbito, imperceptível, entranhado, de satisfação moral, ao ver que a realidade vinha jurar por ele.

— Morra o alienista! bradavam as vozes mais perto.

D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis;[23] os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente.

— Você não ouve estes gritos? perguntou a digna esposa em lágrimas.

O alienista atendeu então; os gritos aproximavam-se, terríveis, ameaçadores; ele compreendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranquilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante. Depois disse à mulher que se recolhesse, que não fizesse nada.

— Não, não, implorava a digna senhora, quero morrer ao lado de você…

Simão Bacamarte teimou que não, que não era caso de morte; e ainda que o fosse, intimava-lhe em nome da vida que ficasse. A infeliz dama curvou a cabeça, obediente e chorosa.

— Abaixo a Casa Verde! bradavam os Canjicas.

O alienista caminhou para a varanda da frente, e chegou ali no momento em que a rebelião também chegava e parava, defronte, com as suas trezentas cabeças rutilantes de civismo e sombrias de desespero. — Morra! morra! bradaram de todos os lados, apenas o vulto do alienista assomou na varanda. Simão Bacamarte fez um sinal pedindo para falar; os revoltosos cobriram-lhe a voz com brados de indignação. Então, o barbeiro, agitando o chapéu, a fim de impor silêncio à turba, conseguiu aquietar os amigos, e declarou ao alienista que podia falar, mas acrescentou que não abusasse da paciência do povo como fizera até então.

— Direi pouco, ou até não direi nada, se for preciso. Desejo saber primeiro o que pedis.

— Não pedimos nada, replicou fremente o barbeiro; ordenamos que a Casa Verde seja demolida, ou pelo menos despojada dos infelizes que lá estão.

— Não entendo.

— Entendeis bem, tirano; queremos dar liberdade às vítimas do vosso ódio, capricho, ganância…

O alienista sorriu, mas o sorriso desse grande homem não era coisa visível aos olhos da multidão; era uma contração leve de dois ou três músculos, nada mais. Sorriu e respondeu:

— Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.

Disse isto o alienista, e a multidão ficou atônita; era claro que não esperava tanta energia e menos ainda tamanha serenidade. Mas o assombro cresceu de ponto quando o alienista, cortejando a multidão com muita gravidade, deu-lhe as costas e retirou-se lentamente para dentro. O barbeiro tornou logo a si, e, agitando o chapéu, convidou os amigos à demolição da Casa Verde; poucas vozes e frouxas lhe responderam. Foi nesse momento decisivo que o barbeiro sentiu despontar em si a ambição do governo; pareceu-lhe então que, demolindo a Casa Verde, e derrocando a influência do alienista, chegaria a apoderar-se da câmara, dominar as demais autoridades e constituir-se senhor de Itaguaí. Desde alguns anos que ele forcejava por ver o seu

nome incluído nos pelouros[24] para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compatível com tão grande cargo. A ocasião era agora ou nunca. Demais, fora tão longe na arruaça, que a derrota seria a prisão, ou talvez a forca, ou o degredo. Infelizmente, a resposta do alienista diminuíra o furor dos sequazes. O barbeiro, logo que o percebeu, sentiu um impulso de indignação, e quis bradar-lhes: — Canalhas! covardes! — mas conteve-se, e rompeu deste modo:

— Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heroicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno.

A multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derredor do barbeiro. Era a revolta que tornava a si da ligeira síncope, e ameaçava arrasar a Casa Verde.

— Vamos! bradou Porfírio agitando o chapéu.

— Vamos! repetiram todos.

Deteve-os um incidente: era um corpo de dragões[25] que, a marche-marche, entrava na rua Nova.

---

22 A Casa Verde é comparada à Bastilha, prisão símbolo do despotismo do regime monárquico na França, que foi tomada pela multidão em 14 de julho de 1789, dando início à Revolução Francesa.

23 Simão Bacamarte, descrito no início do conto como arabista, lia um texto de Averróis (1126-1198), grande pensador do islamismo, que conjugou os conhecimentos da tradição islâmica com os da Antiguidade grega.

24 A palavra "pelouro" designa uma bola de cera oca na qual se colocava o voto de cada pessoa para eleição de juízes ou vereadores.

25 Soldados de cavalaria da guarda real.

VII. O inesperado

Chegados os dragões em frente aos Canjicas, houve um instante de estupefação: os Canjicas não queriam crer que a força pública fosse mandada contra eles; mas o barbeiro compreendeu tudo e esperou. Os dragões pararam, o capitão intimou à multidão que se dispersasse; mas, conquanto uma parte dela estivesse inclinada a isso, a outra parte apoiou fortemente o barbeiro, cuja resposta consistiu nestes termos alevantados:

— Não nos dispersaremos. Se quereis os nossos cadáveres, podeis tomá-los; mas só os cadáveres; não levareis a nossa honra, o nosso crédito, os nossos direitos, e com eles a salvação de Itaguaí.

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Canjicas. O momento foi indescritível. A multidão urrou furiosa; alguns, trepando às janelas das casas, ou correndo pela rua fora, conseguiram escapar; mas a maioria ficou, bufando de cólera, indignada, animada pela exortação do barbeiro. A derrota dos Canjicas estava iminente, quando um terço dos dragões, — qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declaram, — passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desânimo às fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem de atacar os seus próprios camaradas, e, um a um, foram passando para eles, de modo que ao cabo de alguns minutos, o aspecto das coisas era totalmente outro. O capitão estava de um lado, com alguma gente, contra uma massa compacta que o ameaçava de morte. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro.

A revolução triunfante não perdeu um só minuto; recolheu os feridos às casas próximas, e guiou para a câmara. Povo e tropa fraternizavam, davam vivas a el-rei, ao vice-rei, a Itaguaí, ao "ilustre Porfírio". Este ia na frente, empunhando tão destramente a espada, como se ela fosse apenas uma navalha um pouco mais comprida. A vitória cingia-lhe a fronte de um nimbo misterioso. A dignidade de governo começava a enrijar-lhe os quadris.

Os vereadores, às janelas, vendo a multidão e a tropa, cuidaram que a tropa capturara a multidão, e sem mais exame, entraram e votaram uma petição ao vice-rei para que mandasse dar um mês de soldo aos dragões, "cujo denodo salvou Itaguaí do

abismo a que o tinha lançado uma cáfila de rebeldes". Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, o vereador dissidente, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizara os colegas. Mas bem depressa a ilusão se desfez. Os vivas ao barbeiro, os morras aos vereadores e ao alienista vieram dar-lhes notícia da triste realidade. O presidente não desanimou: — Qualquer que seja a nossa sorte, disse ele, lembremo-nos que estamos ao serviço de Sua Majestade e do povo. — Sebastião Freitas insinuou que melhor se poderia servir à coroa e à vila saindo pelos fundos e indo conferenciar com o juiz de fora, mas toda a câmara rejeitou esse alvitre.

Daí a nada o barbeiro, acompanhado de alguns de seus tenentes, entrava na sala da vereança e intimava à câmara a sua queda. A câmara não resistiu, entregou-se, e foi dali para a cadeia. Então os amigos do barbeiro propuseram-lhe que assumisse o governo da vila, em nome de Sua Majestade. Porfírio aceitou o encargo, embora não desconhecesse (acrescentou) os espinhos que trazia; disse mais que não podia dispensar o concurso dos amigos presentes; ao que eles prontamente anuíram. O barbeiro veio à janela, e comunicou ao povo essas resoluções, que o povo ratificou, aclamando o barbeiro. Este tomou a denominação de — "Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo". — Expediram-se logo várias ordens importantes, comunicações oficiais do novo governo, uma exposição minuciosa ao vice-rei, com muitos protestos de obediência às ordens de Sua Majestade; finalmente, uma proclamação ao povo, curta, mas enérgica:

> Itaguaienses!
> Uma câmara corrupta e violenta conspirava contra os interesses de Sua Majestade e do povo. A opinião pública tinha-a condenado; um punhado de cidadãos, fortemente apoiados pelos bravos dragões de Sua Majestade, acaba de a dissolver ignominiosamente, e por unânime consenso da vila, foi-me confiado o mando supremo, até que Sua Majestade se sirva ordenar o que parecer melhor ao seu real serviço. Itaguaienses! não vos peço senão que me rodeeis de confiança, que me auxilieis em restaurar a paz e a fazenda pública, tão desbaratada pela câmara que ora findou às vossas mãos. Contai com o meu sacrifício, e ficai certos de que a coroa será por nós.
>
> O Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do povo
> PORFÍRIO CAETANO DAS NEVES.

Toda a gente advertiu no absoluto silêncio desta proclamação acerca da Casa Verde; e, segundo uns, não podia haver mais vivo indício dos projetos tenebrosos do barbeiro. O perigo era tanto maior quanto que, no meio mesmo desses graves sucessos, o alienista metera na Casa Verde umas sete ou oito pessoas, entre elas duas senhoras, sendo um dos homens aparentado com o Protetor. Não era um repto, um ato intencional; mas todos o interpretaram dessa maneira, e a vila respirou com a esperança de que o alienista dentro de vinte e quatro horas estaria a ferros, e destruído o terrível cárcere.

O dia acabou alegremente. Enquanto o arauto da matraca ia recitando de esquina em esquina a proclamação, o povo espalhava-se nas ruas e jurava morrer em defesa do ilustre Porfírio. Poucos gritos contra a Casa Verde, prova de confiança na ação do

governo. O barbeiro fez expedir um ato declarando feriado aquele dia, e entabulou negociações com o vigário para a celebração de um Te Deum,[26] tão conveniente era aos olhos dele a conjunção do poder temporal com o espiritual; mas o padre Lopes recusou abertamente o seu concurso.

— Em todo caso, Vossa Reverendíssima não se alistará entre os inimigos do governo? disse-lhe o barbeiro dando à fisionomia um aspecto tenebroso.

Ao que o padre Lopes respondeu, sem responder:

— Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos?

O barbeiro sorriu; era a pura verdade. Salvo o capitão, os vereadores e os principais da vila, toda a gente o aclamava. Os mesmos principais, se o não aclamavam, não tinham saído contra ele. Nenhum dos almotacés[27] deixou de vir receber as suas ordens. No geral, as famílias abençoavam o nome daquele que ia enfim libertar Itaguaí da Casa Verde e do terrível Simão Bacamarte.

---

26 Cerimônia festiva do culto cristão, na qual tem parte importante a música baseada no antigo hino latino "*Te Deum laudamus*" ("A ti, ó Deus, louvamos").

27 De origem árabe, a palavra designa o inspetor encarregado da exata aplicação dos pesos e medidas e da taxação e distribuição dos gêneros alimentícios.

VIII. As angústias do boticário

Vinte e quatro horas depois dos sucessos narrados no capítulo anterior, o barbeiro saiu do palácio do governo, — foi a denominação dada à casa da câmara, — com dois ajudantes de ordens, e dirigiu-se à residência de Simão Bacamarte. Não ignorava ele que era mais decoroso ao governo mandá-lo chamar; o receio, porém, de que o alienista não obedecesse, obrigou-o a parecer tolerante e moderado.

Não descrevo o terror do boticário ao ouvir dizer que o barbeiro ia à casa do alienista. — Vai prendê-lo, pensou ele. E redobraram-lhe as angústias. Com efeito, a tortura moral do boticário naqueles dias de revolução excede a toda a descrição possível. Nunca um homem se achou em mais apertado lance: — a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. Já a simples notícia da sublevação tinha-lhe sacudido fortemente a alma, porque ele sabia a unanimidade do ódio ao alienista; mas a vitória final foi também o golpe final. A esposa, senhora máscula, amiga particular de D. Evarista, dizia que o lugar dele era ao lado de Simão Bacamarte; ao passo que o coração lhe bradava que não, que a causa do alienista estava perdida, e que ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver. Fê-lo Catão, é verdade, *sed victa Catoni*,[28] pensava ele, relembrando algumas palestras habituais do padre Lopes; mas Catão não se atou a uma causa vencida, ele era a própria causa vencida, a causa da república; o seu ato, portanto, foi de egoísta, de um miserável egoísta; minha situação é outra. Insistindo, porém, a mulher, não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoecer; declarou-se doente e meteu-se na cama.

— Lá vai o Porfírio à casa do Dr. Bacamarte, disse-lhe a mulher no dia seguinte à cabeceira da cama; vai acompanhado de gente.

— Vai prendê-lo, pensou o boticário.

Uma ideia traz outra; o boticário imaginou que, uma vez preso o alienista, viriam também buscá-lo a ele, na qualidade de cúmplice. Esta ideia foi o melhor dos vesicatórios.[29] Crispim Soares ergueu-se, disse que estava bom, que ia sair; e apesar de todos os esforços e protestos da consorte, vestiu-se e saiu. Os velhos cronistas são unânimes em dizer que a certeza de que o marido ia colocar-se nobremente ao lado do alienista consolou grandemente a esposa do boticário; e notam, com muita perspicácia, o imenso poder moral de uma ilusão; porquanto, o boticário caminhou resolutamente ao palácio do governo, não à casa do alienista. Ali chegando, mostrou-

se admirado de não ver o barbeiro, a quem ia apresentar os seus protestos de adesão, não o tendo feito desde a véspera por enfermo. E tossia com algum custo. Os altos funcionários que lhe ouviam esta declaração, sabedores da intimidade do boticário com o alienista, compreenderam toda a importância da adesão nova, e trataram a Crispim Soares com apurado carinho; afirmaram-lhe que o barbeiro não tardava; Sua Senhoria tinha ido à Casa Verde, a negócio importante, mas não tardava. Deram-lhe cadeira, refrescos, elogios; disseram-lhe que a causa do ilustre Porfírio era a de todos os patriotas; ao que o boticário ia repetindo que sim, que nunca pensara outra coisa, que isso mesmo mandaria declarar a Sua Majestade.

---

28 Fragmento da frase "*Victrix causa diis placuit, sed victa Catoni*", que está na *Farsália* de Lucano (39-56) e pode ser traduzida por: "A causa vencedora agradou aos deuses, *mas a vencida, a Catão*". Defensor da causa republicana, Catão (95-46 a.C.) matou-se com a própria espada quando César derrotou Pompeu, por acreditar que isso significaria o fim da república em Roma.

29 Substâncias e medicamentos que causam vesículas na pele, produzindo fenômenos irritativos locais. Acreditava-se que o efeito se estendia por todo o organismo, obrigando os líquidos e humores a se desviarem e tomarem a direção de onde estavam essas substâncias. No contexto do conto, o uso da expressão indica a súbita mudança de humor e disposição do boticário em relação ao alienista.

IX. Dois lindos casos

Não se demorou o alienista em receber o barbeiro; declarou-lhe que não tinha meios de resistir, e portanto estava prestes a obedecer. Só uma coisa pedia, é que o não constrangesse a assistir pessoalmente à destruição da Casa Verde.

— Engana-se Vossa Senhoria, disse o barbeiro depois de alguma pausa, engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos estão em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica, e não cogita em resolver com posturas as questões científicas. Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da câmara dissolvida. Há, entretanto, — por força que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espírito público.

O alienista mal podia dissimular o assombro; confessou que esperava outra coisa, o arrasamento do hospício, a prisão dele, o desterro, tudo, menos…

— O pasmo de Vossa Senhoria, atalhou gravemente o barbeiro, vem de não atender à grave responsabilidade do governo. O povo, tomado de uma cega piedade, que lhe dá em tal caso legítima indignação, pode exigir do governo certa ordem de atos; mas este, com a responsabilidade que lhe incumbe, não os deve praticar, ao menos integralmente, e tal é a nossa situação. A generosa revolução que ontem derrubou uma câmara vilipendiada e corrupta, pediu em altos brados o arrasamento da Casa Verde; mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria de ciência. Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer. Um dos alvitres aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles enfermos que estiverem quase curados, e bem assim os maníacos de pouca monta, etc. Desse modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância e benignidade.

— Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito? perguntou Simão Bacamarte, depois de uns três minutos.

O barbeiro ficou espantado da pergunta, mas respondeu logo que onze mortos e vinte e cinco feridos.

— Onze mortos e vinte e cinco feridos! repetiu duas ou três vezes o alienista.

E em seguida declarou que o alvitre lhe não parecia bom, mas que ele ia catar algum outro, e dentro de poucos dias lhe daria resposta. E fez-lhe várias perguntas acerca dos sucessos da véspera, ataque, defesa, adesão dos dragões, resistência da câmara, etc., ao que o barbeiro ia respondendo com grande abundância, insistindo principalmente no descrédito em que a câmara caíra. O barbeiro confessou que o novo governo não tinha ainda por si a confiança dos principais da vila, mas o alienista podia fazer muito nesse ponto. O governo, concluiu o barbeiro, folgaria se pudesse contar, não já com a simpatia, senão com a benevolência do mais alto espírito de Itaguaí, e seguramente do reino. Mas nada disso alterava a nobre e austera fisionomia daquele grande homem, que ouvia calado, sem desvanecimento, nem modéstia, mas impassível como um deus de pedra.

— Onze mortos e vinte e cinco feridos, repetiu o alienista, depois de acompanhar o barbeiro até à porta. Eis aí dois lindos casos de doença cerebral. Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos. Quanto à toleima dos que o aclamaram não é preciso outra prova além dos onze mortos e vinte e cinco feridos. — Dois lindos casos!

— Viva o ilustre Porfírio! bradaram umas trinta pessoas que aguardavam o barbeiro à porta.

O alienista espiou pela janela, e ainda ouviu este resto de uma pequena fala do barbeiro às trinta pessoas que o aclamavam:

— … porque eu velo, podeis estar certos disso, eu velo pela execução das vontades do povo. Confiai em mim; e tudo se fará pela melhor maneira. Só vos recomendo ordem. A ordem, meus amigos, é a base do governo…

— Viva o ilustre Porfírio! bradaram as trinta vozes, agitando os chapéus.

— Dois lindos casos! murmurou o alienista.

X. A restauração

Dentro de cinco dias, o alienista meteu na Casa Verde cerca de cinquenta aclamadores do novo governo. O povo indignou-se. O governo, atarantado, não sabia reagir. João Pina, outro barbeiro, dizia abertamente nas ruas, que o Porfírio estava "vendido ao ouro de Simão Bacamarte", frase que congregou em torno de João Pina a gente mais resoluta da vila. Porfírio, vendo o antigo rival da navalha à testa da insurreição, compreendeu que a sua perda era irremediável, se não desse um grande golpe; expediu dois decretos, um abolindo a Casa Verde, outro desterrando o alienista. João Pina mostrou claramente, com grandes frases, que o ato de Porfírio era um simples aparato, um engodo, em que o povo não devia crer. Duas horas depois caía Porfírio ignominiosamente, e João Pina assumia a difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir; acrescentam os cronistas, e aliás subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma câmara corrupta, falou este de "um intruso eivado das más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade, etc.".

Nisto entrou na vila uma força mandada pelo vice-rei, e restabeleceu a ordem. O alienista exigiu desde logo a entrega do barbeiro Porfírio, e bem assim a de uns cinquenta e tantos indivíduos, que declarou mentecaptos; e não só lhe deram esses, como afiançaram entregar-lhe mais dezenove sequazes do barbeiro, que convalesciam das feridas apanhadas na primeira rebelião.

Este ponto da crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe; e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-la na prontidão com que os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. O alienista, sabendo da extraordinária inconsistência das opiniões desse vereador, entendeu que era um caso patológico, e pediu-o. A mesma coisa aconteceu ao boticário. O alienista, desde que lhe falaram da momentânea adesão de Crispim Soares à rebelião dos Canjicas, comparou-a à aprovação que sempre recebera dele, ainda na véspera, e mandou capturá-lo. Crispim Soares não negou o fato, mas explicou-o dizendo que cedera a um movimento de terror, ao ver a rebelião triunfante, e deu como prova a ausência de nenhum outro ato seu, acrescentando que voltara

logo à cama, doente. Simão Bacamarte não o contrariou; disse, porém, aos circunstantes que o terror também é pai da loucura, e que o caso de Crispim Soares lhe parecia dos mais caracterizados.

Mas a prova mais evidente da influência de Simão Bacamarte foi a docilidade com que a câmara lhe entregou o próprio presidente. Este digno magistrado tinha declarado em plena sessão, que não se contentava, para lavá-lo da afronta dos Canjicas, com menos de trinta almudes[30] de sangue; palavra que chegou aos ouvidos do alienista por boca do secretário da câmara, entusiasmado de tamanha energia. Simão Bacamarte começou por meter o secretário na Casa Verde, e foi dali à câmara, à qual declarou que o presidente estava padecendo da "demência dos touros", um gênero que ele pretendia estudar, com grande vantagem para os povos. A câmara a princípio hesitou, mas acabou cedendo.

Daí em diante foi uma coleta desenfreada. Um homem não podia dar nascença ou curso à mais simples mentira do mundo, ainda daquelas que aproveitam ao inventor ou divulgador, que não fosse logo metido na Casa Verde. Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, os maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo o seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava aos emissários do alienista. Ele respeitava as namoradas e não poupava as namoradeiras, dizendo que as primeiras cediam a um impulso natural, e as segundas a um vício. Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas creem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da câmara uma postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda a pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. Dizem esses cronistas que o fim secreto da insinuação à câmara foi enriquecer um ourives, amigo e compadre dele; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negócio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do ilustre médico. Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos quantos usaram do anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí; a opinião mais verossímil é que eles foram recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casa, na igreja. Ninguém ignora que os doidos gesticulam muito. Em todo caso é uma simples conjetura; de positivo nada há.

— Onde é que este homem vai parar? diziam os principais da terra. Ah! se nós tivéssemos apoiado os Canjicas…

Um dia de manhã, — dia em que a câmara devia dar um grande baile, — a vila inteira ficou abalada com a notícia de que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite. O padre Lopes correu ao alienista e interrogou-o discretamente acerca do fato.

— Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou, logo que voltou do Rio de

Janeiro. Desde então comecei a observá-la. Suas conversas eram todas sobre esses objetos; se eu lhe falava das antigas cortes, inquiria logo da forma dos vestidos das damas; se uma senhora a visitava, na minha ausência, antes de me dizer o objeto da visita, descrevia-me o trajo, aprovando umas coisas e censurando outras. Um dia, creio que Vossa Reverendíssima há de lembrar-se, propôs-se a fazer anualmente um vestido para a imagem de Nossa Senhora da matriz. Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da câmara municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta, ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa. — Que tem? perguntei-lhe. — Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito! — Pois leve o de safira. — Ah! mas onde fica o de granada? — Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um, ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo.

O padre Lopes não se satisfez com a resposta, mas não objetou nada. O alienista, porém, percebeu e explicou-lhe que o caso de D. Evarista era de "mania sumptuária", não incurável, e em todo caso digno de estudo.

— Conto pô-la boa dentro de seis semanas, concluiu ele.

A abnegação do ilustre médico deu-lhe grande realce. Conjeturas, invenções, desconfianças, tudo caiu por terra, desde que ele não duvidou recolher à Casa Verde a própria mulher, a quem amava com todas as forças da alma. Ninguém mais tinha o direito de resistir-lhe, — menos ainda o de atribuir-lhe intuitos alheios à ciência.

Era um grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão.[31]

---

30 De origem árabe, a palavra indica uma medida de capacidade equivalente a 31,94 litros.

31 Referência ao fato de que em nome da ciência Simão Bacamarte era capaz de sacrificar-se a si mesmo, ou pelo menos de sacrificar a própria esposa.

XI. O assombro de Itaguaí

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.

— Todos?

— Todos.

— É impossível; alguns, sim, mas todos…

— Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à câmara.

De fato, o alienista oficiara à câmara expondo: — 1º, que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º, que esta deslocação de população levara-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso, declarava à câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que, tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando da câmara igual dedicação; 6º, que restituía à câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc.; o que a câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde.

O assombro de Itaguaí foi grande; não foi menor a alegria dos parentes e amigos dos reclusos. Jantares, danças, luminárias, músicas, tudo houve para celebrar tão fausto acontecimento. Não descrevo as festas por não interessarem ao nosso propósito; mas foram esplêndidas, tocantes e prolongadas.

E vão assim as coisas humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia na frase final do § 4º, uma frase cheia de experiências futuras.

XII. O final do § 4º

Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos. Reinava a ordem, a câmara exercia outra vez o governo, sem nenhuma pressão externa; o próprio presidente e o vereador Freitas tornaram aos seus lugares. O barbeiro Porfírio, ensinado pelos acontecimentos, tendo "provado tudo", como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma coisa, porque Napoleão não provou a Casa Verde, o barbeiro achou preferível a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder; foi, é certo, processado; mas a população da vila implorou a clemência de Sua Majestade; daí o perdão. João Pina foi absolvido, atendendo-se a que ele derrocara um rebelde. Os cronistas pensam que deste fato é que nasceu o nosso adágio: — ladrão que furta a ladrão, tem cem anos de perdão; — adágio imoral, é verdade, mas grandemente útil.

Não só findaram as queixas contra o alienista, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; acrescendo que os reclusos da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e férvido entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação, e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio tivera a ideia de separar-se do consorte, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio, e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes.

Não menos íntima ficou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução, e apreciou muito a magnanimidade do alienista que, ao dar-lhe a liberdade, estendeu-lhe a mão de amigo velho.

— É um grande homem, disse ele à mulher, referindo aquela circunstância.

Não é preciso falar do albardeiro, do Costa, do Coelho, do Martim Brito e outros, especialmente nomeados neste escrito; basta dizer que puderam exercer livremente os seus hábitos anteriores. O próprio Martim Brito, recluso por um discurso em que louvara enfaticamente D. Evarista, fez agora outro em honra do insigne médico — "cujo altíssimo gênio, elevando as asas muito acima do sol, deixou abaixo de si todos os demais espíritos da terra".

— Agradeço as suas palavras, retorquiu-lhe o alienista, e ainda me não arrependo de o haver restituído à liberdade.

Entretanto, a câmara, que respondera ao ofício de Simão Bacamarte, com a ressalva de que oportunamente estatuiria em relação ao final do § 4º, tratou enfim de legislar sobre ele. Foi adotada, sem debate, uma postura autorizando o alienista a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. E porque a experiência da câmara tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula, de que a autorização era provisória, limitada a um ano, para o fim de ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a câmara, antes mesmo daquele prazo, mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem pública. O vereador Freitas propôs também a declaração de que em nenhum caso fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída na postura, apesar das reclamações do vereador Galvão. O argumento principal deste magistrado é que a câmara, legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a exceção era odiosa e ridícula. Mal proferira estas duras palavras, romperam os vereadores em altos brados contra a audácia e insensatez do colega; este, porém, ouviu-os e limitou-se a dizer que votava contra a exceção.

— A vereança, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano.

Simão Bacamarte aceitou a postura com todas as restrições. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse compelido a recolhê-los à Casa Verde; a cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não padeciam do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao vereador Galvão, cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta dada às invectivas dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que, rogava à câmara que lho entregasse. A câmara, sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, estimou o pedido do alienista, e votou unanimemente a entrega.

Compreende-se que, pela teoria nova, não bastava um fato ou um dito, para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquérito do passado e do presente. O padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois da postura, a mulher do boticário quarenta dias. A reclusão desta senhora encheu o consorte de indignação. Crispim Soares saiu de casa espumando de cólera, e declarando às pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas ao tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os motivos de dissidência, e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a retidão dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolheu-o à Casa Verde.

— Um caso destes é raro, disse ele à mulher pasmada. Agora esperemos o nosso Crispim.

Crispim Soares entrou. A dor vencera a raiva, o boticário não arrancou as orelhas ao alienista. Este consolou o seu privado, assegurando-lhe que não era caso perdido; talvez a mulher tivesse alguma lesão cerebral; ia examiná-la com muita atenção; mas antes disso não podia deixá-la na rua. E parecendo-lhe vantajoso reuni-los, porque a astúcia e velhacaria do marido poderiam de certo modo curar a beleza moral que ele descobrira na esposa, disse Simão Bacamarte:

— O senhor trabalhará durante o dia na botica, mas almoçará e jantará com sua mulher, e cá passará as noites, e os domingos e dias santos.

A proposta colocou o pobre boticário na situação do asno de Buridan.[32] Queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde; e nessa luta esteve algum tempo, até que D. Evarista o tirou da dificuldade, prometendo que se incumbiria de ver a amiga e transmitir os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este último rasgo de egoísmo pusilânime pareceu sublime ao alienista.

Ao cabo de cinco meses estavam alojadas umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não afrouxava; ia de rua em rua, de casa em casa, espreitando, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo, levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava às dúzias. Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova; achara-se enfim a verdadeira patologia cerebral. Um dia, conseguiu meter na Casa Verde o juiz de fora; mas procedia com tanto escrúpulo, que o não fez senão depois de estudar minuciosamente todos os seus atos, e interrogar os principais da vila. Mais de uma vez esteve prestes a recolher pessoas perfeitamente desequilibradas; foi o que se deu com um advogado, em quem reconheceu um tal conjunto de qualidades morais e mentais, que era perigoso deixá-lo na rua. Mandou prendê-lo; mas o agente, desconfiado, pediu-lhe para fazer uma experiência; foi ter com um compadre, demandado por um testamento falso, e deu-lhe de conselho que tomasse por advogado o Salustiano; era o nome da pessoa em questão.

— Então parece-lhe…?

— Sem dúvida: vá, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual for, e confie-lhe a causa.

O homem foi ter com o advogado, confessou ter falsificado o testamento, e acabou pedindo que lhe tomasse a causa. Não se negou o advogado, estudou os papéis, arrazoou longamente, e provou a todas as luzes que o testamento era mais que verdadeiro. A inocência do réu foi solenemente proclamada pelo juiz, e a herança passou-lhe às mãos. O distinto jurisconsulto deveu a esta experiência a liberdade. Mas nada escapa a um espírito original e penetrante. Simão Bacamarte, que desde algum tempo notava o zelo, a sagacidade, a paciência, a moderação daquele agente, reconheceu a habilidade e o tino com que ele levara a cabo uma experiência tão melindrosa e complicada, e determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde; deu-lhe, todavia, um dos melhores cubículos.

Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos, isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc. Naturalmente, as famílias e os amigos dos reclusos bradavam contra a teoria; e alguns tentaram compelir a câmara a cassar a licença. A câmara, porém, não esquecera a linguagem do vereador Galvão, e se cassasse a licença, vê-lo-ia na rua, e restituído ao lugar; pelo que, recusou. Simão Bacamarte oficiou aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-os por esse ato de vingança pessoal.

Desenganados da legalidade, alguns principais da vila recorreram secretamente ao barbeiro Porfírio e afiançaram-lhe todo o apoio de gente, dinheiro e influência na corte, se ele se pusesse à testa de outro movimento contra a câmara e o alienista. O barbeiro respondeu-lhes que não; que a ambição o levara da primeira vez a transgredir

as leis, mas que ele se emendara, reconhecendo o erro próprio e a pouca consistência da opinião dos seus mesmos sequazes; que a câmara entendera autorizar a nova experiência do alienista, por um ano: cumpria, ou esperar o fim do prazo, ou requerer ao vice-rei, caso a mesma câmara rejeitasse o pedido. Jamais aconselharia o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas mãos, e isso a troco de mortes e ferimentos que seriam o seu eterno remorso.

— O que é que me está dizendo? perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversação do barbeiro com os principais da vila.

Dois dias depois o barbeiro era recolhido à Casa Verde. — Preso por ter cão, preso por não ter cão! exclamou o infeliz.

Chegou o fim do prazo, a câmara autorizou um prazo suplementar de seis meses para ensaio dos meios terapêuticos. O desfecho deste episódio da crônica itaguaiense é de tal ordem, e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição; mas contento-me com um, que será o remate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana.

---

32 Referência à história do asno que morre de fome e sede por não se decidir entre beber a água ou comer a aveia à sua frente; esta ilustração de um dilema levado ao absurdo é atribuída ao pensador francês Jean Buridan, que viveu no século XIV.

XIII. Plus ultra![33]

Era a vez da terapêutica. Simão Bacamarte, ativo e sagaz em descobrir enfermos, excedeu-se ainda na diligência e penetração com que principiou a tratá-los. Neste ponto todos os cronistas estão de pleno acordo: o ilustre alienista fez curas pasmosas, que excitaram a mais viva admiração em Itaguaí.

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, — graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala, para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. Houve um doente, poeta, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve ideia de mandar correr matraca, para o fim de o apregoar como um rival de Garção e de Píndaro.[34]

— Foi um santo remédio, contava a mãe do infeliz a uma comadre; foi um santo remédio.

Outro doente, também modesto, opôs a mesma rebeldia à medicação; mas não sendo escritor (mal sabia assinar o nome), não se lhe podia aplicar o remédio da matraca. Simão Bacamarte lembrou-se de pedir para ele o lugar de secretário da Academia dos Encobertos estabelecida em Itaguaí. Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado rei D. João v, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa recusou o diploma; mas representando o alienista que o não pedia como prêmio honorífico ou distinção legítima, e somente como um meio terapêutico para um caso difícil, o governo cedeu excepcionalmente à súplica; e ainda assim não o fez sem extraordinário esforço do ministro de marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado. Foi outro santo remédio.

— Realmente, é admirável! dizia-se nas ruas, ao ver a expressão sadia e enfunada dos dois ex-dementes.

Tal era o sistema. Imagina-se o resto. Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo; então, o alienista

atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir.

No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados! O vereador Galvão, tão cruelmente afligido de moderação e equidade, teve a felicidade de perder um tio; digo felicidade, porque o tio deixou um testamento ambíguo, e ele obteve uma boa interpretação, corrompendo os juízes, e embaçando os outros herdeiros. A sinceridade do alienista manifestou-se nesse lance; confessou ingenuamente que não teve parte na cura: foi a simples *vis medicatrix*[35] da natureza. Não aconteceu o mesmo com o padre Lopes. Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da versão dos Setenta;[36] o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade. Quanto à senhora do boticário, não ficou muito tempo na célula que lhe coube, e onde aliás lhe não faltaram carinhos.

— Por que é que o Crispim não vem visitar-me? dizia ela todos os dias.

Respondiam-lhe ora uma coisa, ora outra; afinal disseram-lhe a verdade inteira. A digna matrona não pôde conter a indignação e a vergonha. Nas explosões da cólera escaparam-lhe expressões soltas e vagas, como estas:

— Tratante!... velhaco!... ingrato!... Um patife que tem feito casas à custa de unguentos falsificados e podres... Ah! tratante!...

Simão Bacamarte advertiu que, ainda quando não fosse verdadeira a acusação contida nestas palavras, bastavam elas para mostrar que a excelente senhora estava enfim restituída ao perfeito desequilíbrio das faculdades; e prontamente lhe deu alta.

Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. *Plus ultra!* era a sua divisa. Não lhe bastava ter descoberto a teoria verdadeira da loucura; não o contentava ter estabelecido em Itaguaí o reinado da razão. *Plus ultra!* Não ficou alegre, ficou preocupado, cogitativo; alguma coisa lhe dizia que a teoria nova tinha, em si mesma, outra e novíssima teoria.

— Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade.

Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca dos domínios ultramarinos de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença: — só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio.

Era assim que ele ia, o grande alienista, de um cabo a outro da vasta biblioteca, metido em si mesmo, estranho a todas as coisas que não fosse o tenebroso problema da patologia cerebral. Súbito, parou. Em pé, diante de uma janela, com o cotovelo esquerdo apoiado na mão direita, aberta, e o queixo na mão esquerda, fechada, perguntou ele a si:

— Mas deveras estariam eles doidos, e foram curados por mim, — ou o que

pareceu cura, não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?

E cavando por aí abaixo, eis o resultado a que chegou: os cérebros bem organizados que ele acabava de curar, eram tão desequilibrados como os outros. Sim, dizia ele consigo, eu não posso ter a pretensão de haver-lhes incutido um sentimento ou uma faculdade nova; uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam.

Chegado a esta conclusão, o ilustre alienista teve duas sensações contrárias, uma de gozo, outra de abatimento. A de gozo foi por ver que, ao cabo de longas e pacientes investigações, constantes trabalhos, luta ingente com o povo, podia afirmar esta verdade: — não havia loucos em Itaguaí; Itaguaí não possuía um só mentecapto. Mas tão depressa esta ideia lhe refrescara a alma, outra apareceu que neutralizou o primeiro efeito; foi a ideia da dúvida. Pois quê! Itaguaí não possuiria um único cérebro concertado? Esta conclusão tão absoluta não seria por isso mesmo errônea, e não vinha, portanto, destruir o largo e majestoso edifício da nova doutrina psicológica?

A aflição do egrégio Simão Bacamarte é definida pelos cronistas itaguaienses como uma das mais medonhas tempestades morais que têm desabado sobre o homem. Mas as tempestades só aterram os fracos; os fortes enrijam-se contra elas e fitam o trovão. Vinte minutos depois alumiou-se a fisionomia do alienista de uma suave claridade.

— Sim, há de ser isso, pensou ele.

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

— Nenhum defeito?

— Nenhum, disse em coro a assembleia.

— Nenhum vício?

— Nada.

— Tudo perfeito?

— Tudo.

— Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade.

A assembleia insistiu; o alienista resistiu; finalmente o padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

— Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: — a modéstia.

Era decisivo. Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante.

— A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.

— Simão! Simão! meu amor! dizia-lhe a esposa com o rosto lavado em lágrimas.

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjeturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí; mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova, senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade.

---

33 A expressão latina mais corrente é *nec plus ultra*. Literalmente quer dizer "não mais além". Frequentemente indica o extremo limite a que se pode chegar numa arte ou numa ciência. Citada sem a partícula negativa, indica que Simão Bacamarte, pelo contrário, tentará ir além, não reconhecendo nenhum limite, sem se deter diante do que quer que seja.

34 Novamente um itaguaiense é comparado a grandes personalidades da história universal. Neste caso, a Pedro António Correia Garção (1724-1773), um dos principais poetas do neoclassicismo português, autor da "Cantata de Dido", e a Píndaro (518-438 a.C.), considerado o maior poeta lírico da antiga Grécia, autor das famosas *Odes triunfais*.

35 Referência à expressão latina "*Vis medicatrix naturae*", atribuída a Hipócrates, que alude ao poder curativo do próprio corpo.

36 Trata-se da mais antiga versão conhecida do Antigo Testamento do hebreu para o grego, realizada entre os séculos III e I a.C., também denominada Septuaginta Grega. Diz a lenda que a tradução resultou do trabalho de setenta eruditos judeus.

Nota
[de Machado de Assis]

Cerca de dous anos para cá, recebi duas cartas anônimas, escritas por pessoa inteligente e simpática, em que me foi notado o uso do vocábulo *reproche*. Não sabendo como responda ao meu estimável correspondente, aproveito esta ocasião.

Reproche não é galicismo. Nem *reproche* nem *reprochar*. Morais cita, para o verbo, este trecho dos *Inéd.*, II, fl. 259: "hum non tinha que *reprochar* ao outro"; e aponta os lugares de Fernando de Lucena, Nunes de Leão e D. Francisco Manuel de Melo, em que se encontra o substantivo *reproche*. Os espanhóis também o possuem.

Resta a questão de eufonia. *Reproche* não parece malsoante. Tem contra si o desuso. Em todo caso, o vocábulo que lhe está mais próximo no sentido, *exprobração*, acho que é insuportável. Daí a minha insistência em preferir o outro, devendo notar-se que não o vou buscar para dar ao estilo um verniz de estranheza, mas quando a ideia o traz consigo.

Cronologia

1839 DE JUNHO Joaquim Maria Machado de Assis nasce no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, filho de Maria Leopoldina Machado da Câmara e de Francisco José de Assis. Os pais, que se casaram em agosto de 1838, eram agregados da Quinta do Livramento, pertencente, àquela época, a d. Maria José de Mendonça Barroso, viúva de um senador do Império. A mãe de Machado de Assis nasceu na Ilha de São Miguel, Açores; o pai, no Rio de Janeiro.

1845 JULHO Sua irmã, Maria Machado de Assis, morre de sarampo com apenas quatro anos.

1849 JANEIRO Morre sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis.

1851 JUNHO O pai de Machado de Assis casa-se novamente, com Maria Inês da Silva.

OUTUBRO Publica no *Periódico dos Pobres* o soneto com a dedicatória *À Ilma. Sra. D. P. J. A.*, primeira publicação sua de que se tem notícia.

1853 JANEIRO Publica na *Marmota Fluminense* a poesia "Ela", iniciando colaboração que se estende até 1861.

1856 Ingressa, como aprendiz de tipógrafo, na Tipografia Nacional, onde conhece o escritor Manuel Antônio de Almeida, autor de *Memórias de um sargento de milícias*.

1857 AGOSTO Inicia sua carreira de tradutor com *A ópera das janelas*. Até 1894, realizaria mais de quarenta traduções, a maioria do francês, de poemas, romances e peças teatrais.

1858 Deixa a Tipografia Nacional e se torna revisor de provas na casa de Paula Brito. Nesse ano, inicia colaboração em *O Parahyba*, de Petrópolis, e no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro.

1859 SETEMBRO Começa a publicar em *O Espelho*, onde redige a crítica teatral chamada "Revista de Teatros".

1860 DE MARÇO Publica em *A Marmota* fragmento de *Hoje avental, amanhã luva*, comédia em um ato, imitada do francês.

29 DE MARÇO A convite de Quintino Bocaiúva, inicia colaboração no *Diário do Rio de Janeiro*. Nesse periódico, encarrega-se de seções como "Revista Dramática", "Comentários da Semana", "Conversas Hebdomadárias", "Ao Acaso", "Semana Literária" e "Cartas Fluminenses", publicando sob os pseudônimos *Gil*, *Job* e *Platão*.

16 DE DEZEMBRO Inicia colaboração com a *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleiuss, publicação que dura até 1876.

1861 Publica *Desencantos*, fantasia dramática, e *Queda que as mulheres têm para os tolos*.

1862 Trabalha como bibliotecário da Sociedade Arcádia Brasileira até pelo menos 1863. Nesse mesmo ano, é admitido como sócio do Conservatório Dramático Brasileiro.

12 DE SETEMBRO A comédia em um ato *O caminho da porta* é representada no Ateneu Dramático.

15 DE SETEMBRO Inicia colaboração em *O Futuro*, do poeta português Faustino Xavier de

Novais; o periódico circula até julho de 1863.

1863 Publica o volume *Teatro de Machado de Assis*, com as comédias *O protocolo* e *O caminho da porta*.

JULHO Inicia colaboração no *Jornal das Famílias*, editado no Rio de Janeiro por B. L. Garnier; nesse periódico colabora até 1878, publicando dezenas de contos, assinados por pseudônimos como *Job*, *Victor de Paula*, *Lara* e *Max*.

1864 Publica o volume de versos *Crisálidas* e a comédia *Quase ministro*.

22 DE ABRIL Morre seu pai, Francisco José de Assis.

26 DE JULHO Firma contrato com a B. L. Garnier para venda definitiva dos direitos autorais de *Crisálidas*.

11 DE AGOSTO A comédia *O caminho da porta* é representada em São Paulo.

1865 8 DE ABRIL No *Correio Mercantil*, inicia-se polêmica sobre a moralidade do conto "Confissões de uma viúva moça", que publicava então no *Jornal das Famílias*. A polêmica teria sido promovida por Machado e seus editores, para chamar a atenção dos leitores para o texto.

1866 Publica a comédia *Os deuses de casaca*.

12 DE MAIO O nome de Machado de Assis aparece como candidato a deputado, por Minas Gerais, para a legislatura 1867-8, mas a candidatura não vinga.

1867 Recebe o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa.

8 DE ABRIL É nomeado ajudante do diretor do *Diário Oficial*.

1868 FEVEREIRO José de Alencar escreve carta apresentando-lhe um novo poeta, Castro Alves. Em resposta, Machado escreve uma apreciação crítica ao drama *Gonzaga*, de Castro Alves.

18 DE JUNHO Chega ao Rio de Janeiro Carolina Augusta Xavier de Novais, que no ano seguinte se tornaria sua mulher.

1869 Firma contrato com B. L. Garnier para compra e venda definitiva da propriedade literária das obras *Contos fluminenses*, *Falenas, Ressurreição*, *Histórias da meia-noite* e *O manuscrito do licenciado Gaspar*; esta última jamais foi publicada.

12 DE NOVEMBRO Casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais; o casal passa a viver na rua dos Andradas.

1870 Publica *Contos fluminenses* e o volume de poemas *Falenas*.

Escreve introdução para as *Poesias póstumas*, de Faustino Xavier de Novais, que morrera no ano anterior.

JANEIRO É nomeado membro do segundo Conservatório Dramático, no Rio de Janeiro.

1871 Publica *Ressurreição*, seu primeiro romance.

1873 Publica o volume de contos *Histórias da meia-noite*.

24 DE MARÇO Publica em *O Novo Mundo*, de Nova York, "Notícia da atual literatura brasileira — Instinto de nacionalidade", um dos ensaios mais importantes sobre a literatura no Brasil.

31 DE DEZEMBRO É nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

1874 Publica *A mão e a luva*, romance que nesse mesmo ano já havia aparecido em folhetim no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro.

Machado e Carolina mudam-se para a rua da Lapa.

1875 Publica o volume de versos *Americanas*, com poemas indianistas.

Machado e Carolina mudam-se para a rua das Laranjeiras.

1876 29 DE ABRIL Firma contrato com B. L. Garnier para compra e venda dos direitos autorais da primeira edição do romance *Helena*, denominado então *Helena do vale*, a ser impresso na tipografia do jornal *O Globo*, que já o havia publicado em folhetim nesse mesmo ano.

1º DE JULHO Inicia colaboração com o periódico *Ilustração Brasileira*, no qual publica, sob o

pseudônimo de *Manassés*, a série de crônicas "História de quinze dias", posteriormente rebatizada de "História de trinta dias".

7 DE DEZEMBRO É promovido a chefe de seção da Secretaria da Agricultura, por decreto da Princesa Isabel.

1877 17 DE DEZEMBRO Comparece ao enterro de José de Alencar.

1878 28 DE JANEIRO O romance *Iaiá Garcia* começa a sair em folhetim no jornal *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro, e vira livro no mesmo ano. Nesse periódico aparecem também na mesma época os artigos em que Machado critica o romance *O primo Basílio* e a adesão de Eça de Queirós ao naturalismo.

Carolina e Machado mudam-se para a rua do Catete.

DEZEMBRO Doente, segue para Nova Friburgo, onde permanece até março do ano seguinte.

1879 JUNHO Inicia colaboração na *Revista Brasileira*.

15 DE JULHO Inicia colaboração com a revista de modas *A Estação*, que publicou alguns de seus melhores contos, entre eles "O alienista" e "D. Benedita", recolhidos em *Papéis avulsos*. A colaboração com esse periódico dura até 31 de março de 1898.

1º DE DEZEMBRO Machado de Assis publica, na *Revista Brasileira*, o ensaio "A nova geração", em que apresenta um panorama da produção literária recente, em especial da poesia. As críticas a Sílvio Romero, feitas nesse ensaio, rendem-lhe uma inimizade para a vida inteira.

1880 1º DE MARÇO Início da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na *Revista Brasileira*; a publicação, aos pedaços, se estende até dezembro.

28 DE MARÇO É nomeado oficial de gabinete do ministro da Agricultura.

10 DE JUNHO É representada, no Teatro D. Pedro II, a comédia em um ato *Tu só, tu, puro amor…*, escrita por Machado de Assis em comemoração ao tricentenário de Camões, festejado simultaneamente em Portugal e no Brasil.

1881 O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* é publicado em livro.

18 DE DEZEMBRO Começa longa colaboração com a *Gazeta de Notícias*. Publica nesse jornal muitos dos seus melhores contos, entre eles alguns recolhidos em *Papéis avulsos*, como "Teoria do medalhão", "O segredo do Bonzo", "O anel de Polícrates", "O empréstimo", "A sereníssima república", "O espelho" e "Verba testamentária". Para esse periódico escreve também muitas crônicas, entre elas várias da seção "Balas de Estalo", sob o pseudônimo *Lelio*; a série "A+B", sob o pseudônimo *João das Regras*; a série "Gazeta de Holanda", sob o pseudônimo de *Malvolio*; a série "Bons Dias", sob o pseudônimo de *Boas Noites*; e a série "A Semana", anônima.

1882 Publica o livro de contos *Papéis avulsos*.

Deixa o Rio de Janeiro por alguns meses, alegando necessidade de restaurar as forças perdidas no trabalho excessivo que tivera em 1880 e 1881.

1883 Recebe de Artur Azevedo lascas e folhas do salgueiro plantado na sepultura do poeta francês Alfred de Musset.

Começa a aprender alemão.

11 DE OUTUBRO É eleito membro da Associação dos Homens de Letras do Brasil.

1884 Publica o volume de contos *Histórias sem data*.

Machado e Carolina mudam-se para a rua Cosme Velho, nº 18, onde viveriam até o final de suas vidas.

1886 1º DE JUNHO Início da publicação do romance *Quincas Borba*, que se estende até 1891, em *A Estação*.

6 DE OUTUBRO Amigos oferecem-lhe um banquete em comemoração do 22º aniversário da publicação de *Crisálidas*, seu primeiro livro de poemas.

1887 Escreve o prefácio de uma edição de *O guarani*, de José de Alencar.

1888 13 DE ABRIL Por decreto imperial, é elevado à categoria de oficial da Ordem da Rosa.

20 DE MAIO Participa dos festejos da Abolição.
4 DE AGOSTO Colegas da Secretaria da Agricultura oferecem-lhe um banquete no Hotel do Globo.
1889 MARÇO É promovido a diretor da Diretoria do Comércio, no Ministério da Agricultura.
1891 Publica a primeira edição de *Quincas Borba* em livro.
1º DE JULHO Morre sua madrasta, Maria Inês.
12 DE DEZEMBRO Participa do lançamento da pedra fundamental da estátua de José de Alencar, fazendo um discurso em homenagem ao escritor.
1892 DEZEMBRO Assume o cargo de diretor-geral da Viação, com a transformação da antiga Secretaria da Agricultura em Secretaria da Indústria, Viação e Obras Públicas.
1894 ABRIL É acusado de ser inimigo do regime republicano e conspirador monarquista por Deocleciano Mártir, no jornal *O Tempo*.
1895 Sua colaboração na *Revista Brasileira*, de José Veríssimo.
1896 Publica a coletânea de contos *Várias histórias* pela Laemmert & Cia.
18 DE NOVEMBRO A comédia em um ato *Não consultes médico* é representada no Cassino Fluminense.
15 DE DEZEMBRO Machado de Assis funda, com Lúcio de Mendonça e Joaquim Nabuco, entre outros, a Academia Brasileira de Letras, inaugurada solenemente em 20 de julho do ano seguinte.
1897 Romero publica o livro *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*, com críticas violentas ao homem e à obra.
4 DE JANEIRO É eleito presidente da Academia Brasileira de Letras.
1898 JANEIRO Sai publicada notícia de que Machado de Assis fora posto em disponibilidade pelo ministro Sebastião de Lacerda, em virtude da fusão das Diretorias de Viação e de Obras Públicas.
25 DE JANEIRO Lafayette Rodrigues Pereira defende Machado de Assis das críticas de Sílvio Romero numa série de artigos publicados pelo *Jornal do Commercio*. Esses artigos seriam reunidos em volume no ano seguinte, com o título *Vindiciae*.
JULHO Redige testamento, nomeando Carolina como sua única e universal herdeira.
16 DE NOVEMBRO É nomeado secretário de Severiano Vieira, que substituiu Sebastião de Lacerda na pasta da Viação.
1899 Publica o romance *Dom Casmurro* e a coletânea de contos *Páginas recolhidas*.
16 DE JANEIRO Firma escritura de venda da propriedade inteira e perfeita de sua obra para François Hippolyte Garnier, o que inclui os direitos sobre *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Contos fluminenses*, *Histórias da meia-noite*, *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Páginas recolhidas*, *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*.
10 DE JUNHO Escreve carta pedindo a H. Garnier autorização para que obras suas sejam traduzidas para o alemão; o editor responde, condicionando a publicação das traduções ao pagamento de 100 francos por volume. As traduções não se realizam.
7 DE AGOSTO Firma contrato com H. Garnier para compra e venda dos direitos autorais da obra *Poesias completas*.
1901 Publica *Poesias completas*.
2 DE JUNHO Em sessão solene da Academia Brasileira de Letras, agradece a sanção do projeto de Eduardo Ramos, que colocava a Academia sob a proteção do Estado.
1902 *Memórias póstumas de Brás Cubas* é traduzida por Júlio Piquet e publicada em Montevidéu, Uruguai. É a primeira tradução de um livro de Machado de Assis.
27 DE MAIO Firma contrato com H. Garnier para compra e venda dos direitos autorais do volume de contos *Várias histórias*.

18 DE NOVEMBRO Volta a ocupar o cargo de diretor da Secretaria de Indústria, do Ministério da Viação, por decreto assinado pelo presidente Rodrigues Alves e pelo ministro da Viação, Lauro Müller.
18 DE DEZEMBRO É nomeado diretor-geral de Contabilidade do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas.
1903 DE JULHO Firma contrato com H. Garnier de compra e venda da propriedade inteira e perpétua do romance *Último*, que seria publicado no ano seguinte com o título *Esaú e Jacó*.
1904 Publica o romance *Esaú e Jacó*. É nomeado para a Comissão Fiscal e Administrativa das Obras do Cais do Porto, acumulando essa função com a de diretor de contabilidade.
JANEIRO Segue para Nova Friburgo com a esposa doente.
20 de OUTUBRO Morre Carolina, sua esposa, e é sepultada no Cemitério de São João Batista.
1905 É publicado em Buenos Aires o romance *Esaú y Jacob*.
9 DE MARÇO Firma contrato com H. Garnier de compra e venda da propriedade inteira e perpétua de *Relíquias de casa velha*.
10 DE AGOSTO Em sessão solene da Academia Brasileira de Letras, recebe um ramo do carvalho de Tasso, enviado da Europa por Joaquim Nabuco.
12 DE OUTUBRO Machado de Assis faz segundo testamento. Com a morte de Carolina, nomeia como sua principal herdeira a menina Laura, filha de sua sobrinha e comadre Sara Braga da Costa e de seu esposo e compadre, o major Bonifácio Gomes da Costa.
1906 Publica o volume *Relíquias de casa velha*.
14 DE NOVEMBRO Firma contrato com H. Garnier de compra e venda da propriedade inteira e perpétua do romance *A mão e a luva*.
1907 DE OUTUBRO Discursa no banquete que a Academia Brasileira oferece ao historiador Guglielmo Ferrero.
1908 Publica *Memorial de Aires*, seu último romance.
29 DE SETEMBRO Morre às 3h20 na sua residência, rua Cosme Velho, nº 18, aos 69 anos de idade. É sepultado no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

Outras leituras

BAPTISTA, Abel Barros. "Plus Ultra!", introdução de *O alienista*. Lisboa: Hiena, 1992. pp. 7-15

BOSI, Alfredo. "A máscara e a fenda", em *O enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. pp. 73-126.

FISCHER, Luis Augusto. "Uma coisa e outra, e nenhuma delas: 'O alienista'", em *Machado e Borges*. Porto Alegre: Arquipélago, 2008. pp. 197-214.

GLEDSON, John. "O machete e o violoncelo: introdução a uma antologia dos contos de Machado de Assis" e "A história do Brasil em *Papéis avulsos*", em *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 35-69, 70-90.

———. "*Papéis avulsos*: um livro brasileiro?", prefácio à edição de *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. pp. 7-32.

MEYER, Augusto. "Na Casa Verde", em *Machado de Assis (1935-1958)*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ Livraria São José, 2008. pp. 42-8.

TEIXEIRA, Ivan. *O altar e o trono: dinâmica do poder em* O alienista. São Paulo: Ateliê; Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.

———. "Pássaro sem asas ou a morte de todos os deuses: Uma leitura de *Papéis avulsos*", introdução de *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. ix-liii.

Copyright da introdução © 2014 by John Gledson
Copyright das notas © 2014 by Hélio Guimarães

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

REVISÃO
Márcia Moura
Jane Pessoa

ISBN *978-85-438-0034-9*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br